



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - DECOM  
CURSO DE BACHARELADO EM JORNALISMO**

**DANIELLA RENALLY BEZERRA RÉGIS**

**CORDEL E FEIRA: A HISTÓRIA QUE UNE A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA  
GRANDE À INSPIRAÇÃO DE CORDELISTAS NA CONSTRUÇÃO DA  
POESIA EM VERSO**

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

**DANIELLA RENALLY BEZERRA RÉGIS**

**CORDEL E FEIRA: A HISTÓRIA QUE UNE A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA  
GRANDE À INSPIRAÇÃO DE CORDELISTAS NA CONSTRUÇÃO DA  
POESIA EM VERSO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Monografia) apresentado ao  
Departamento de Comunicação  
Social da Universidade Estadual da  
Paraíba - UEPB, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
bacharela em Jornalismo.

**Área de concentração:** Mídia e  
Estudos Culturais

**Orientador:** Prof. Me. Rafael de Araújo Melo.

**CAMPINA GRANDE**

**2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R337c Regis, Daniella Renally Bezerra.

Cordel e feira: a história que une a feira central de Campina Grande à inspiração de cordelistas na construção da poesia em verso. [manuscrito] / Daniella Renally Bezerra Regis. - 2023.

60 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Prof. Me. Rafael de Araújo Melo., Coordenação do Curso de Jornalismo - CCSA. "

1. Literatura de cordel. 2. Feira Central de Campina Grande. 3. Cordelistas. 4. Cordel. 5. Literatura popular. I. Título

21. ed. CDD 381.1

**DANIELLA RENALLY BEZERRA RÉGIS**

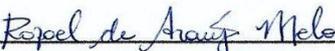
**CORDEL E FEIRA: A HISTÓRIA QUE UNE A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA  
GRANDE À INSPIRAÇÃO DE CORDELISTAS NA CONSTRUÇÃO DA POESIA  
EM VERSO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Monografia) apresentado ao  
Departamento de Comunicação  
Social da Universidade Estadual da  
Paraíba - UEPB, como requisito  
parcial à obtenção do título de  
bacharela em Jornalismo.

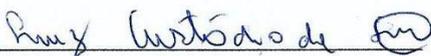
**Área de concentração:** Mídia e  
Estudos Culturais

Aprovada em: 01/12/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

  
Prof. Me. Rafael de Araújo Melo (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Profa. Dra. Ada Késea Guedes Bezerra  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao Senhor meu Deus único, à minha mãe Mércia Maria, ao meu pai João Batista, minha avó Marisa Silva, meu avô Severino Matias, ao meu primo Nelson Júnior. Ao meu tio Nelson Roberto Bezerra (In Memoriam), dedico cada espaço deste trabalho. E à minha casa, a Feira Central de Campina Grande.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos céus!

Deus, obrigada por me conceder a honra de trilhar os caminhos que escolheste para mim.

Jesus, sempre fostes e sempre serás o meu melhor amigo durante a caminhada da vida, obrigada e continue ao meu lado, gratidão por não desistir de mim.

Nossa Senhora, obrigada por interceder por mim e me acolher diariamente em teu manto nos momentos em que me senti sozinha no deserto da vida.

Em segundo, gratidão a minha família que está sempre comigo, minha mãe Mércia, minha avó Marisa, meu avô Severino e meu primo Nelson Júnior, por me permitirem, ajudarem e estarem sempre ao meu lado na concretização de mais um sonho, eu os amo e sem vocês eu não teria conseguido JAMAIS.

Em terceiro, sou muito grata as duas pessoas que são mais que amigas e que estão ao meu lado há anos, em encontros, conversas e brincadeiras, em vários assuntos (os mais loucos possíveis) e desabafos; e que fizeram e fazem parte da minha vida e desse meu processo de antes, durante e, conseqüentemente, depois de mais uma graduação, Bárbara e Mayara.

Gratidão também ao meu grande amigo Leandro Gomes, por tanto apoio em tudo, altas conversas e por ser meu buscador de livros. Obrigada de verdade por sempre lembrar de mim!

Agradeço aos professores do Curso de Jornalismo, todos os que passaram pela minha vida e somaram conhecimentos e esforços na construção do meu caminho e o dos meus colegas, vocês são inspiradores!

Obrigada professor Rafael Melo, por reacender um sonho antigo em trabalhar com a Literatura de Cordel e a Feira, por me proporcionar a lapidação deste trabalho tão significativo para mim, por ser um tema que me remete à infância, essência de vida, família e profissão. Deixo aqui a minha admiração, inspiração, gratidão e respeito ao senhor.

Gratidão a banca deste trabalho, professora Ada e professor Luiz Custódio, é com muita honra que digo que as suas formas de ensinar me conduziram ao que hoje sou e ao que me tornarei, com fé em Deus.

Também agradeço aos ensinamentos e amizade que recebi e tenho de Bruninha Morais e Yurinha (Sou muito grata de verdade), Alan Ferreira (obrigada pela oportunidade de estágio e por ser inspiração), Anderson Oliveira e João Paulo (Meus professores do dia a dia e do São João) enquanto realizei um sonho da infância ao estagiar na Campina Fm. No mesmo local, agradeço a Deus pelas grandes amizades de Anderson Oliveira (de novo, meu amigo e irmão, gratidão principalmente pelos entardeceres com sol se pondo e o plus do eclipse), Pedro Pereira (meu amigo e irmão, muito obrigada pelas orientações e ensinamentos), Gilberto, Lili, Dayanne (gratidão pela companhia, parceria e conversas nas viagens diárias) e Gloriete (gratidão por compartilhar sobre Deus e tudo o que vem do alto).

Agradeço também a todos os que fazem a Universidade Estadual da Paraíba ser grande e de serventia à comunidade.

Aos meus amigos de percurso durante a graduação em Jornalismo: Osman, Katariny, Ivana, Gabriel Queiroz, Vitória Félix, Pedro, Yasmim, Andreza e João Paulo (aos que esqueci, peço perdão, mencionei os que mais interagi durante o curso), deixo a minha gratidão pela honra de fazer parte dessa caminhada junto a cada um.

Sou grata a Deus pelas pessoas que, no trem da vida, compartilharam o mesmo vagão que eu, os que ainda compartilham e aos que encontrarei em vagões, trilhos e estações à frente.

Aprendi que pessoas podem ser inspirações, então que possamos seguir aprendendo e ensinando, com os pés sempre no chão e amor, essência, perseverança e cuidado uns com os outros.

Sejamos também a inspiração para alguém.

Que Deus abrace os seus corações!

## RESUMO

O universo das feiras nordestinas remete à cultura transformando-se, ela própria, numa atividade engendradora de uma cultura específica, peculiar, reprodutora de costumes, hábitos, vivências coletivas, expressões e manifestações que se desenrolam exclusivamente neste espaço. A jornada do Cordel começa pelos centros comerciais, sendo vendido e se tornando fonte de renda para seus criadores, informação para uns e histórias de romance, ficção e humor para outros. A Feira Central era ponto de encontro para viajantes que passavam por Campina Grande, ela se tornou morada para o comércio, residência para os que agradava e deixou sentido de saudade para os que iam, mas garantiam a volta. O lugar virou fonte de inspiração por meio da Literatura Popular, ganhou destaque e espaço entre os versos de cordelistas. Este trabalho se torna relevante pela busca sobre “O que une a Feira Central à inspiração de cordelistas na construção de seus folhetos”. Na pesquisa constam categorização de elementos dentro da literatura produzida sobre a Feira Central; o poeta que mais criou folhetos sobre o ambiente; levantamento de Cordéis que versam sobre a Feira Central de Campina Grande; momentos que tratam do início da Feira Central, as primeiras referências sobre a Literatura de Cordel no Brasil e na Rainha da Borborema. A metodologia compreendeu uma pesquisa Exploratória, Bibliográfica e Documental de abordagem qualitativa, utilizando-se de materiais disponibilizados pelo orientador, arquivo pessoal da pesquisadora e do acervo digital de cordéis da Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba. Foi usado o método de Análise de Conteúdo de Bardin, para categorização dos materiais. Concluímos que o ponto de vista dos cordelistas mirou o ambiente como um todo, tratando a vivência passada há décadas, até o atual que se compõe na comercialização de mercadorias tradicionais do Nordeste e de toda a história que nutriu o espaço.

**Palavras-Chave:** Literatura de Cordel; Feira Central de Campina Grande; Cordelistas; Cordel; Literatura Popular.

## ABSTRACT

The universe of northeastern fairs refers to culture, transforming itself into an activity that engenders a specific, peculiar culture, reproducing customs, habits, collective experiences, expressions and manifestations that take place exclusively in this space. Cordel's journey begins in centers and fairs, being sold and becoming a source of income for its creators, becomes a source of information for some and of romance, fiction and humor stories for others. The Feira Central was a meeting point for travelers passing through Campina Grande, it became an address for commerce, a residence for those it pleased and left a sense of longing for those who went, but guaranteed a return. The place became a source of inspiration through Popular Literature, gained prominence and space among the verses of cordelists. This study becomes relevant due to the search for "what unites the Feira Central with the inspiration of cordelists in the construction of their leaflets". The research includes categorization of elements within the literature produced about the Feira Central; the poet who created the most leaflets about the place; a survey of Cordéis that deal with the Feira Central of Campina Grande; moments that deal with the beginning of the Feira Central, as well as the first references to Cordel Literature in Brazil and Rainha da Borborema. The methodology comprised an Exploratory, Bibliographic and Documentary research with a quantitative approach, using materials made available by the advisor, the researcher's personal file and the digital collection of strings from the Átila Almeida Library of the Universidade Estadual da Paraíba. Bardin's Content Analysis method was used to categorize the materials. We conclude that the cordelists point of view focused on the local as a whole, dealing with past experiences decades ago, up to the present, which consists of the commercialization of traditional goods from the Northeast and the entire history that nourished the space.

**Keywords:** Literature of Cordel; Feira Central de Campina Grande; Cordelists; Cordel; Popular Literature.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Delimitação do espaço da Feira Central no Município de Campina Grande. Fonte: Google Earth. Elaborado pela autora.....	17
Figura 2 - Espaço Cultural dentro do Mercado Central de Campina Grande. Fonte: Daniella Régis.....	19
Figura 3 - Feira de cores e feirantes na rua Marcílio Dias. Fonte: Daniella Régis.....	26
Figura 4 - Feirantes vendedores de verduras no início da feira entre as ruas Afonso Campos e Peregrino de Carvalho. Fonte: Daniella Régis.....	27
Figura 5 - Seu Luís em sua banca na Feira Central de Campina Grande. Fonte: Daniella Régis.....	30
Figura 6 - Banca de seu Luís na Feira Central de Campina Grande. Fonte: Daniella Régis.....	30
Figura 7 - Gráfico da categorização em números. Fonte: Daniella Régis.....	50

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Cordelistas e folhetos que versam sobre a Feira Central.....	41
---	----

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO .....</b>	<b>15</b>
2.1 FEIRA LIVRE E FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE.....	15
2.2 SOBRE A LITERATURA DE CORDEL.....	20
<b>3. NOMES IMPORTANTES NA DISPERSÃO E FIRMAMENTO DO CORDEL NO BRASIL .....</b>	<b>23</b>
<b>4. O CORDEL E A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE .....</b>	<b>25</b>
4.1 FEIRA, CORDEL E FOLKCOMUNICAÇÃO.....	30
<b>5. A FEIRA EM CORDÉIS .....</b>	<b>32</b>
<b>6. CATEGORIZAÇÃO.....</b>	<b>40</b>
<b>7. METODOLOGIA.....</b>	<b>43</b>
7.1 AMOSTRAGEM DA PESQUISA .....	45
<b>8. ANÁLISES E RESULTADOS .....</b>	<b>45</b>
<b>9. CONCLUSÃO.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	
<b>REFERÊNCIAS CORDÉIS</b>	

## 1 INTRODUÇÃO

O universo das feiras nordestinas remete, por si só, à cultura transformando-se, ela própria, numa atividade engendradora de uma cultura específica, peculiar, reprodutora de costumes, hábitos, vivências coletivas, expressões e manifestações que se desenrolam exclusivamente nesse lugar. Os vários cenários e personagens encontrados nesses espaços públicos contam, sem saber, suas próprias histórias que, por vezes, acabam por se misturar ao ambiente ao qual se encontram e também passam a fazer parte de outras narrativas de outros personagens, de lugares e inspirações.

A principal motivação para a construção desse trabalho se dá pelo fato de a autora crescer e residir dentro do espaço da Feira Central e ter vivenciado a experiência de ser ‘encontrada’ pela Literatura de Cordel ainda na infância. Outro ponto motivador é a importância de deixar registrados os valores, a literatura e a visão que foram concebidos com a união entre a Feira e o Cordel ao longo do tempo. Frutos esses construídos e, até hoje, cultivados pelas mãos do povo, de quem mantém uma rotina de trabalho puxado iniciado no tempo que se passou, mas que se estende, sem data de término, pelos bancos e bancadas de feira descritos na Literatura de Cordel que circula e circulava pelas ruas e becos da Feira Central de uma Campina Grande do ontem e do hoje.

Vale lembrar que, atualmente, existem projetos e planos que garantem que a feira vai passar por uma requalificação, logo, este trabalho marca um levantamento de registro antes das transformações estruturais do espaço físico, que podem acarretar em mudanças culturais.

E é assim que começa a jornada do Cordel, passando pelos centros comerciais, sendo vendido, se tornando fonte de renda para os seus criadores – Poetas Cordelistas –, sendo fonte de informação para uns; de histórias de romance, ficção e humor para outros. Sendo espalhado e anunciado até chegar às mãos de uma das fontes que hoje vos fala, ou melhor, escreve. Esta que jamais haveria de pensar que, 25 anos depois, faria da Literatura de Cordel, tema, relato e mote para análise e pesquisa sobre o ponto central onde começou a história da cidade de Campina Grande.

A Feira Central era ponto de encontro para viajantes que passavam pela região de Campina Grande, foi se tornando morada para o comércio, se fez

residência para os que agradava e deixou sentido de saudade para aqueles que iam, mas garantiam a volta. A feira cresceu e cedeu espaço a boiadeiros, cantorias, repente, virou verso, abraçou outras feiras: de ferragem, de animais, de carne, etc. (Brito; Steinmuller, 2020, p.24).

O lugar virou fonte de inspiração por meio da Literatura Popular para poetas que traziam suas obras a fim de comercializá-las, ganhou destaque e espaço entre os versos de cordelistas de passagem e entre os que chegaram para ficar pela região. É fonte rica de conteúdo na cultura, de onde decorre o destaque como fonte de inspiração para nomes da literatura, nesta pesquisa, principalmente, na Literatura de Cordel.

Luyten, (1983, p.40) argumenta que “a grande vantagem da Literatura de Cordel sobre as outras expressões da Literatura Popular, é que o próprio homem do povo imprime suas produções do jeito que ele as entende”. Ou seja, a união entre o interesse de venda dos folhetos à movimentação intensa do comércio popular de Campina Grande, bem como, às formas de interação, costumes e cultura do espaço, foram alguns dos motivos que levaram, ou melhor, trouxeram poetas populares à cidade. A simplicidade na impressão de folhetos e a construção de versos em rimas a partir da visão do cotidiano diário do espaço inspiraram histórias nos mais variados temas, sendo, por vezes o principal deles, a Feira Central.

Sendo assim, este trabalho torna-se relevante pela busca sobre o que o próprio título descreve que seria: “o que une a Feira Central à inspiração de cordelistas na construção de seus folhetos”. Na pesquisa também há uma categorização de elementos, dentro da literatura produzida sobre a temática, que venham a revelar a presença e o que influencia (ou influenciou) os poetas cordelistas a frequentarem o espaço e a escreverem sobre a Feira Central de Campina Grande. A pesquisa também se propõe a descobrir o poeta que mais criou folhetos sobre o espaço, a partir da Literatura de Cordel.

A proposta também se estende à criação de um levantamento que reúne 21 Cordéis que versam sobre a Feira Central de Campina Grande, datados a partir da década de 1910 com obras que vão até o presente ano, 2023, revelando um período de tempo de mais de 100 anos de história e relatos em rimas. Aqui também tratamos sobre momentos importantes que historicizam o

início da Feira Central, bem como, as primeiras referências sobre a Literatura de Cordel no Brasil e na Rainha da Borborema.

A construção das temáticas e definições do conteúdo se deu a partir de levantamento bibliográfico de autores como Brito e Steinmuller (2020), Silva (2005), Pizzignacco (2020), Luyten (1983), Curran (2009), Haurélio (1974) e Avelino (2020), entre outros.

Dentro desse horizonte, relatos sobre a experiência no espaço da feira, cordelistas, imagens e análises de folhetos também fazem parte da composição deste estudo.

A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa Exploratória, Bibliográfica e Documental de abordagem qualitativa, utilizando-se de materiais disponibilizados pelo orientador, também de arquivo pessoal da pesquisadora e por meio da busca do acervo digital de cordéis da Biblioteca Átila Almeida da Universidade Estadual da Paraíba. Também utilizamos o método de Análise de Conteúdo de Bardin (2011), para organização e categorização dos materiais.

O presente trabalho está dividido em tópicos que correspondem ao Referencial teórico, a Feira Central de Campina Grande, a Literatura de Cordel, também indicações sobre a análise de folhetos, categorização, metodologia, resultados e discussões e, por fim, as considerações.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

Nesta primeira seção, tratamos sobre o histórico da Feira Central e da Literatura de Cordel. Apresentamos conceitos importantes acerca das temáticas para melhor embasamento teórico sobre o estudo.

### **2.1 FEIRA LIVRE E FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE**

Diante do vasto conjunto de estudos que discorrem sobre feiras livres, seus costumes e culturas; e, de uma forma geral, sobre a passagem de histórias e nuances da Literatura de Cordel nas mesmas, buscamos, a partir deste trabalho, desvendar/revelar a história que une a Feira Central de Campina Grande à atração e inspiração de cordelistas na construção de seus escritos, vivências, rimas e estrofes.

Fazendo um resgate histórico sobre Campina Grande, a cidade foi fundada em 1º de dezembro de 1697, quando foi reconhecida como unidade administrativa do Reino de Portugal e ponto de anteparo e abastecimento entre litoral e o sertão da Capitania, segundo Brito e Steinmuller, (2020, p.18). Ou seja, a Rainha da Borborema já era tida como uma espécie de pólo comercial, muitos anos antes de sua emancipação em 11 de outubro de 1864.

Como todo lugar de passagem de viajantes, o pequeno vilarejo que se formava foi atraindo cada vez mais a atenção de quem passava, a ponto de pessoas começarem a se instalar e o comércio de varejo se introduzir de vez. Geograficamente falando, a cidade compartilha estradas entre o Brejo, o Sertão, Seridó, e entre outros caminhos que se encontram e que a tornaram ponte entre regiões. Ao encurtar distâncias e ser lugar de encontro, Campina Grande acabou por reunir comerciantes, viajantes, boiadeiros e plantadores de cereais, entre outros, para realizar trocas de produtos e utensílios, e até mesmo, servir de morada para àqueles que resolveram se instalar no lugar.

Por ser o centro entre diferentes públicos, o ponto comercial instalado na cidade acabava se tornando apreciativo para olhares de várias pessoas, até mesmo para quem conta a história da cidade, como Brito e Steinmuller (2020), que afirmam que:

A constante presença de viajantes e boiadeiros fazia da povoação de Campina Grande um lugar animado. Boiadas, e equinos bebendo e se refrigerando na alagoa, cantorias e conversas risonhas nas sombras das gameleiras, a bigorna dos ferreiros tinindo o dia inteiro no reparo de ferraduras, o cheiro de farinha nova e quente, carne moqueada, e crianças correndo nos terreiros. (p.24)

E assim a feira crescia e ganhava nome até ser uma das mais conhecidas da região. Graças à variada oferta de produtos, afinal, tudo se encontra na Feira de Campina Grande, esta foi comparada a outras feiras existentes no interior do Nordeste, sendo chamada, também, como “Feira de Mangaio” - título da canção de Sivuca (Severino Dias de Oliveira 1930 - 2006 e de sua esposa Glorinha Gadêlha, cuja letra remete às feiras que carregam a total representatividade da região Nordeste). Navarro (2013, p. 474) define a “Feira de Mangaio” como sendo locais que possuem produções caseiras da lavoura ou de artesanato, vendidas nas feiras livres das cidades do interior do Nordeste. Ou seja, lugares como feiras de troca e feiras livres de um modo geral, para se comercializar de tudo.

Antes de ser instalada no lugar atual, a Feira Central funcionava no Largo da Igreja Matriz, ganhando espaço pela atual Avenida Floriano Peixoto, no ano de 1826. Em 1862 se mudou para a Rua Grande onde hoje é a Rua Maciel Pinheiro e ficou instalada no lugar até 1938, quando se fez necessária a mudança para o espaço que ocupa até os dias atuais, de acordo com Retalhos Históricos (2019)<sup>1</sup> e Brito e Steinmuller (2020).

Desde que foi reconhecida como Patrimônio Imaterial pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan, na tarde do dia 27 de setembro de 2017, pelo Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, a Feira Central de Campina Grande tem conquistado cada vez mais destaque no âmbito artístico-cultural, atraindo o público das mais variadas idades a voltar a frequentar este ambiente.

Um dos exemplos de maior destaque nesse sentido, atualmente, foi o tema do Salão do Artesanato Paraibano 2023, com o título "Tudo Vira Arte na Feira de Campina". Mas existem diversas formas de retratar a importância, a história e a cultura que a Feira Central da cidade carrega em sua essência:

---

<sup>1</sup> Retalhos Históricos é um Blog de Registros que funciona como um serviço de utilidade sob a Lei Municipal nº 5096/2011 de 24 de Novembro de 2011, que conta fatos sobre a história da cidade de Campina Grande. Página criada por Adriano Araújo e Emmanuel Sousa. e-mail: retalhoscg@hotmail.com.

projetos sociais e eventos culturais que vêm acontecendo pelo espaço, por exemplo, além de reportagens, recortes, trechos, literatura e música que são outras maneiras de documentar o espírito desse lugar que abraça as artes e acolhe feirantes e clientes dia após dia, década após década.

A Feira Central, por si só, emana sua essência e simplicidade a partir, não somente, do que se comercializa no local, mas também, de quem está presente nesse ambiente. Este espaço fica próximo à área central da cidade e possui um polo próprio, o Mercado Central (área coberta), mas a feira livre mesmo ocupa várias ruas, pode-se dizer que estas são basicamente os polos onde acontece grande parte das interações e trocas de saberes, principalmente, nos dias em que acontece a ‘feira maior’ caracterizada pelo grande fluxo de pessoas, geralmente aos sábados. Abaixo podemos observar a área demarcada em vermelho que revela o espaço ocupado pela feira.

**Figura 1:** Delimitação do espaço da Feira Central no Município de Campina Grande.



**Fonte:** Google Earth. Elaborado pela autora.

As ruas em que a feira se estende são: o encontro das ruas Afonso Campos e Peregrino de Carvalho; Dr. Antônio Sá; Rua Cristóvão Colombo; Rua Pedro Álvares Cabral; Rua Manoel Pereira de Araújo; Rua Marcílio Dias, se estendendo um pouco para a Rua Capitão João de Sá; Rua Deputado José Tavares.

Sabe-se que a Feira Central possui um histórico importante na evolução e crescimento da cidade, já que, desde sempre, foi vista como aspecto econômico e sociocultural, como Silva (2005) descreve:

A experiência da “feira” esteve presente na constituição da cidade, desde seu alvorecer ainda como Vila Nova da Rainha (1790), contribuindo de forma decisiva para a consolidação e posterior desenvolvimento da vida urbana campinense. A feira surge concomitantemente ao desenvolvimento da cidade e se desenvolve na medida em que a importância desta última é difundida por todos os cantos do Estado da Paraíba e parte do Nordeste, consolidando sua histórica inclinação ao mercado. (p. 57)

Como feira livre, sempre esteve aberta às mais variadas formas e modelos de interação, além de promover, no vocabulário mais simples, encontros e reencontros, servindo de ponto de troca, comercialização de mercadorias e, também, local de compartilhar momentos e histórias. Silva (2005) reforça essa ideia quando menciona que:

A feira é este universo inusitado de tensões e atenções, afetos e desafetos, situações múltiplas de negociação entre personagens até então desconhecidos, mas que se permitem, em meio à multidão, estabelecerem momentos específicos de sociabilidade. (p.111)

Embora o passar do tempo tenha desgastado toda a construção de uma cultura popular voltada a frequentar a feira, consumir, disseminar e oferecer livretos e cantorias, hoje pode-se dizer que há um resgate do que havia se perdido. No século XXI, ano de 2023, conseguimos ainda ver um ponto fixo onde se vende cordéis, além de pontos móveis dentro do Mercado Central sempre que acontecem eventos culturais e, também, ainda se vê emboladores de coco circulando no local e interagindo com feirantes e clientes.

**Figura 2:** Espaço Cultural dentro do Mercado Central de Campina Grande.



**Foto:** Daniella Régis

A Literatura de Cordel já era comum no espaço da feira e, a partir da década de 1930, ficou conhecida como ‘folheto de feira’. Sendo assim, a declamação, o som da voz e do pandeiro se misturavam com o anúncio da pechincha nas frutas, verduras, barulho de animais, conversas, encontros, etc. Além disso, também foi em 1930 que os folhetos se estabeleciam definitivamente no espaço das feiras, que se tornaram lugar de maior circulação de poetas e cordéis, trazendo para seu entorno, tipografias, gráficas e livrarias. (GALVÃO apud PIZZIGNACCO, 2020, p. 37).

O Poeta cordelista Medeiros Braga (2014) traz em versos de sua obra: “O *Cordel em Cordel*”, que os folhetos:

9- De início eram vendidos  
 Nas feiras das redondezas  
 Sobre lonas pelo chão,  
 Então em cima das mesas  
 Lá cantavam os poetas  
 Suas estrofes belezas.

10 - De cordão veio o cordel  
 Esse nome consagrado,  
 Esse folheto de feira  
 De bom serviço prestado  
 Na formação, no informe,  
 Em tudo que é contado.

Essa descrição revela nitidamente o ambiente comum de comercialização dos folhetos, características de um lugar simples, receptivo a quem quer que seja. Traz ainda a ideia de público, ou seja, fluxo de pessoas já que, se havia poetas cantadores, também havia fregueses no espaço. A visão do poeta Medeiros Braga (2014) é antiga, se comparada à situação atual vivenciada na Feira Central. Já não se vê folhetos diariamente em mesas, tão pouco, poetas a declamar seus versos.

## 2.2 SOBRE A LITERATURA DE CORDEL

Para além do que já entendemos sobre o que é a Literatura de Cordel, se faz necessário aqui, primeiramente, defini-la como Literatura Popular a partir da visão de estudiosos. Para isto, buscamos autores que tratam do tema. Segundo Guerreiro (1986) a Literatura Popular, como o próprio nome já define, é:

A literatura do povo, associa uma entidade social que muitas vezes não usa a escrita para representar a sua arte verbal [...]. Literatura popular é, pois, a que corre entre o povo, a que ele cria, e a alheia de que gosta e adota. (GUERREIRO, 1986, p. 1-2)

Ou seja, o próprio povo é o autor de suas memórias e seus relatos, sejam eles escritos ou oralizados/declamados, como é a arte dos Emboladores de Coco, por exemplo. Navarro (2013, p. 319) afirma que a Embolada é uma forma poético-musical, improvisada ou não, que é declamada em versos rápidos e intervalos curtos, e que é usada pelos solistas (cantadores) nas peças com refrão coral ou dialogadas (como cocos e desafios de viola).

Para Luyten (1983) a Literatura Popular parte da linguagem regional, de histórias contadas pelo povo. Enquanto que Curran (2009) adentra ao termo Literatura de Cordel trazendo sua definição como sendo “uma poesia folclórica e popular com raízes no Nordeste do Brasil.” (p.17)

Quando entendemos a Literatura Popular como uma criação do povo, podendo ser verbalizada ou não, começamos a direcionar a ideia do Cordel. Visivelmente, entendemos a Literatura de Cordel como um folheto que contém relatos históricos contados em rimas e versos. É a arte produzida pelo

observador do tempo, de vidas, do dia a dia, da política, do movimento e dos detalhes dos lugares.

Brasil (2018), traz uma definição que identifica a mesma como sendo:

[...] a forma de expressão, linguagem, gênero literário, veículo de comunicação, ofício e meio de sobrevivência para inúmeros cidadãos brasileiros poetas, declamadores, editores, ilustradores (desenhistas, artistas plásticos, xilogravadores) e folhetos (como são conhecidos os vendedores de livros de cordel). (BRASIL, 2018, p. 8)

Além da sua definição, é uma leitura que é identificada de forma curiosamente vasta, que parte do próprio 'batismo popular' que nomeia ou apelida a partir de experiências ou da visão do 'habitat natural' da mesma, digamos assim. Além de Cordel, essa literatura traz consigo outros títulos sobre como é conhecida: folheto, livro de feira, romance, folhinha, foiête, poesia matuta, livro de histórias matutas, folheto antigo, histórias de João Grillo, livro de Ataíde, arrecifes e ABCs. (BRASIL, 2018, p.53).

Segundo registros de Luyten (1983) e Brasil (2018), as primeiras referências sobre a Literatura de Cordel foram identificadas na Espanha, a partir do século XVIII. O surgimento do nome 'Cordel' (corda, cordão, linha ou barbante) vem da Europa ocidental, especificamente de Portugal e Espanha, onde os folhetos impressos eram expostos para venda, pendurados em cordões ou barbantes, como roupas em um varal. Logo, "a Literatura de Cordel, então, se especifica ao modo como o livreto era comercializado/vendido, e não diretamente ao gênero ao qual se classifica, a 'Literatura'." (SANTOS, 2006 apud BRASIL, 2018, p.40).

Tornando agora o nosso discurso mais próximo a temas e leituras, o cordelista, por vezes, era visto como a voz do povo ao levar de um lugar para o outro não somente romances e belas histórias, mas também, informações de cunho político, religioso e de figuras ímpares na sociedade como, por exemplo, o cordel do paraibano João Martins de Athayde - História da Imperatriz Porcina, também o folheto escrito pelo paraibano da cidade de Esperança, Antônio Patrício de Souza (Toinho da Mulatinha) "As missões de Frei Damião em Bom Jardim e a tempestade em Limoeiro" (1955) e o registro sobre Getúlio Vargas, feito pelo cearense Gonçalo Ferreira da Silva.

Fazendo proximidade, de um modo geral, ao se voltar para a Literatura de Cordel, entende-se que, a partir das práticas cotidianas da Feira Central de Campina Grande, bem como, a identificação e descrição de personagens da vida real, os folhetos têm uma história firme e que se propaga pelas barracas, pelas vielas e becos, ruas e tendas do lugar. Por ali, histórias foram vendidas, contadas, relatadas e declamadas aos clientes, famosos fregueses vindouros de regiões circunvizinhas de Campina Grande.

Essa expressão cultural atravessou o tempo e se firmou na atualidade graças a vários nomes dos mais velhos aos mais recentes e, como toda arte, inspirou, e continua a inspirar, pessoas que se decidiram por trilhar as rimas e versos tecidos a partir do dia a dia das comunidades e regiões onde os costumes e tradições persistem por décadas. Vale salientar que, antes, as feiras de pequenas cidades eram palco para cordelistas que faziam das ruas os seus escritórios. Mas hoje, os poetas resistem, mesmo que em outros palcos, sendo eles em festivais de cultura, em feiras de gado, em movimentos de cultura local, etc.

Hoje, as rimas também ecoam pelas cidades por meio de improviso, isto é, de forma declamada pelos seus criadores/poetas e cantadores de repente e emboladores de coco. Mas o repente não é cordel e o cordel não é repente. O que é declamado pode ser registrado no folheto, mas é comum que a criação espontânea dos cantadores se perca no ato da pronúncia pelas ruas. O poeta Lucenna, (2015), apud Dossiê de Registro da Literatura de Cordel, 2018, p. 69 afirma que:

Todo cordelista não é obrigatoriamente repentista e nem todo repentista é obrigatoriamente cordelista, mas quando um verso é bem feito, quando o cantador, o bom cantador canta metrificado, rimado e oracionado, pode gravar e publicar, que é Cordel. (LUCENNA, 2015, p. 69)

Em complemento da ideia o poeta João Paraibano versa que:

Se alguém diz um verso meu  
Aqui ou noutro lugar  
Escuto, mas não escuto  
Vendo a hora decorar  
Temendo estragar o aço  
Da máquina de improvisar<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> Versos do poeta João Paraibano no livro “João Paraibano: o herdeiro dos astros” Esio Rafael, Marcos Passos, Santanna (o Cantador) Halley S.A. Gráfica e Editora, 2016.

Ou seja, relato de rimas oralizadas, mas que foram registradas em folheto. As rimas escritas têm a mesma importância que as verbalizadas/criadas na hora, se fossem gravadas e, posteriormente, escritas, como peso teriam o mesmo valor.

### **3. NOMES IMPORTANTES NA DISPERSÃO E FIRMAMENTO DO CORDEL NO BRASIL**

Estudos de Luyten (1983), Curran (2009), Haurélio (1974) e Avelino (2020) afirmam que Leandro Gomes de Barros, paraibano da cidade de Pombal, é considerado um dos maiores poetas do gênero e maior escritor do cordel antigo, principalmente, ao final do século XIX e nas duas décadas de início do século XX, embora, é claro, haja evidências de outros brasileiros e portugueses que antecederam os escritos de Leandro, bem como, a ideia da impressão dos folhetos e disseminação dos mesmos, ganhando outras regiões.

Haurélio (2010) afirma que Leandro Gomes de Barros contribuiu ainda mais, a partir da iniciativa editorial de publicação dos folhetos, inspiração que tirou a partir da impressão dos jornais do século XIX, vindo a ser exemplo para outros nomes como João Martins de Athayde e Francisco das Chagas Batista. Esse caminho também foi percorrido por outros editores em décadas passadas, até se chegar ao mundo atual com novos cordelistas que mantêm viva a arte dos folhetos. Leandro Gomes de Barros ficou famoso pelo estilo jocoso e satírico de sua escrita em folhetos.

De acordo com Curran (2009, p.43) o poeta Francisco das Chagas Batista, natural de João Pessoa na Paraíba, era amigo e "concorrente" de Leandro de Barros. Ele relatou acontecimentos importantes relacionados ao cangaceiro Antônio Silvino, a eventos políticos e, também, à Primeira Guerra Mundial. Francisco escrevia e publicava os próprios folhetos desde 1902, tinha a sua própria gráfica e também foi um dos nomes importantes na primeira fase da Literatura de Cordel no país. Além disso, Francisco e seu irmão, Pedro, herdaram os direitos da obra de Leandro Gomes de Barros anos após a sua morte.

---

Em 1921, o também poeta João Martins de Atayde, paraibano da cidade de Ingá, comprou da viúva de Leandro Gomes de Barros, Venustiniana Eulália de Barros, os direitos autorais de grande parte das obras do poeta falecido. Antes disso, Atayde se mudou do interior da Paraíba em 1898 para a cidade de Recife onde virou editor de folhetos e acabou se tornando o maior empresário do cordel nordestino, segundo Curran (2009, p. 44) e Haurélio (2010, p. 21).

Outro nome importante no pioneirismo do Cordel no Brasil, citado por Avelino (2020), foi o poeta Silvino Pirauá de Lima, paraibano natural da cidade de Patos. Ele se tornou poeta popular em terras pernambucanas onde fez morada. Era conhecido como '*O poeta enciclopédico*', pelo fato de ter um vasto conhecimento de mundo apesar de não ter frequentado a escola regularmente. Gaspar (2009)<sup>3</sup> conta que:

Silvino tinha um irmão poeta, era o José Martins, e foi discípulo do maior cantador do seu tempo, Francisco Romano Caluête, também conhecido como Romano, Romano de Mãe d'Água, Romano do Teixeira e Francisco Romano, com quem percorreu vários estados brasileiros, entre os quais o Pará, o Amazonas e o Maranhão, cantando improvisos em feiras e festas. (GASPAR, 2009, p. 1)

E ao citar a feira, um dos nomes que mais produziram e se inspiraram na arte do Cordel foi o do senhor Antônio Patrício de Souza, mais conhecido como Toinho da Mulatinha. Sua jornada começou 'com' e 'em' Esperança, no ano de 1925 quando nasceu no sítio Mulatinha, de sua avó, de onde herdou o apelido que o tornaria um dos nomes mais importantes na escrita, produção e disseminação de folhetos em Campina Grande.

Toinho já era criador de versos quando ainda era menino e, antes de registrar histórias contadas no papel, seguiu os passos do irmão José Patrício, ou melhor, Dedé da Mulatinha, que cantava e encantava as pessoas como Embolador de Coco nos versos improvisados.

De acordo com Pizzignacco (2020) e com os registros do cordel Louvação a Toinho da Mulatinha (2016), em 1945, o poeta se rendeu aos contos escritos e começou a construir suas rimas e histórias no campo da Literatura de

---

<sup>3</sup> Informações obtidas no site da Fundação Joaquim Nabuco, a partir do relato da autora Lúcia Gaspar, em 2009. Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=400:silvino-piraua-de-lima](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=400:silvino-piraua-de-lima)>. Acesso em 09 ago. 2023.

Cordel, tornando a embolada como sendo a impressão da oralidade. Seu primeiro folheto começou pelos céus, chamado de “Uma viagem à Lua”. Editava os próprios cordéis em sua folheteria “Estrela do Oriente”, criada por volta da década de 1970. Versava sobre muitos assuntos, inclusive a sua fé, histórias de ficção, vida real, Feira Central e personagens. Despretensiosamente, Toinho da Mulatinha deu a honra à Feira Central de Campina Grande de ser palco para a suas histórias e genialidade no âmbito da poesia popular.

#### **4. O CORDEL E A FEIRA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE**

O encontro entre Literatura de Cordel e Feira Central se dá a partir da fama e circulação de pessoas por conta do forte comércio existente por volta da década de 1950, em Campina Grande. Pizzignacco (2020, p.93), cita a feira como sendo “um ponto estratégico para a indústria tipográfica do gênero por fornecer ‘a fruta direto do pé’ para poetas-folheteiros que tinham nesse espaço sua maior freguesia.” O cordelista precisava vender sua arte e não haveria lugar melhor do que um ponto que reunisse viajantes de várias regiões e municípios vizinhos trazendo mercadorias e intenções de compra.

Conhecida como “A Feira das Feiras”, a Feira Central de Campina Grande começou a atrair não somente vendedores de folhetos, os próprios cordelistas e emboladores de coco, mas também, tipografias, como foi o caso do cantor e poeta, Manoel Camilo dos Santos, natural da cidade de Guarabira e segundo Pizzignacco (2020, p. 92), conheceu o potencial da Feira Central e resolveu trazer de vez a sua tipografia à Campina Grande, em 1953. Contudo, a antes chamada “Tipografia e Folhetaria Santos”, em Guarabira, mudou o nome para “A Estrela da Poesia” ao chegar na Rainha da Borborema.

A partir de então, “O poeta, que se estabeleceu na cidade de Campina Grande, nesse período, passou a constituir-se em um dos mais promissores tipógrafos de cordel da região” (CIPRIANO, 2013).

Avelino (2020) afirma que: “[...] O trabalho dos vendedores de folhetos foi determinante para a disseminação dessa literatura, sendo a divulgação feita em feiras.” Logo, podemos resgatar o papel dos próprios cordelistas que estiveram, por muito tempo, alguns deles até mesmo passando a vida e se inspirando na Feira Central de Campina Grande – PB. Estes, além de tecer as rimas,

passaram a fazer praça no local habitado por grupos de pessoas que vinham de cidades vizinhas.

O contexto popular, as várias histórias e cores, pessoas, aromas e sabores, entre tantos outros detalhes, serviram de inspiração para muitos poetas populares, e, além disso, as características e a identidade únicas da feira campinense atraíram, por anos, cordelistas que vieram conhecer, escrever, vivenciar e sentir o que a alma da feira tinha a oferecer. Com isso, vários nomes fizeram passagem nesse ambiente. Até os dias atuais, ainda há quem venha de longe para conhecer o que foi retratado em folhetos de poetas antigos; viver a essência da feira livre.

**Figura 3:** Feira de cores e feirantes na rua Marcílio Dias.



**Foto:** Daniella Régis

**Figura 4:** Feirantes vendedores de verduras no início da feira entre as ruas Afonso Campos e Peregrino de Carvalho.



**Foto:** Daniella Régis

Segundo Joseph M. Luyten (2005), apud Avelino (2020, p. 81), “a cultura popular se dá em sociedades em que a elite e o povo participam de manifestações comuns, como língua, religião, composição étnica, assim por diante”. Sendo assim, o que antes era poesia conhecida de escrita pelo homem mais simples, com o tempo, foi ganhando diferentes adeptos. Hoje, professores universitários, jornalistas, psicólogos, advogados, médicos, entre outras profissões, têm despertado para esse estilo literário, antes esquecido e sem espaço nas gramáticas e modelos literários canonizados.

Ao organizar palavras em versos e rimas, os poetas populares criam histórias, compartilham vivências e pensamentos, mas também, descrevem e/ou opinam sobre a realidade atual de determinada época e lugar. Temas políticos, saúde, temas de transporte, piadas, medicina natural, entre tantas outras temáticas, são passadas para o papel, são o conhecimento compartilhado que o poeta tece a partir da sua visão, da sua leitura da realidade e de seus saberes. Sendo assim, em sua dissertação, a autora Luli Hata (1999) afirma que:

[...] ser poeta pressupõe um dom, uma capacidade inerente que se descobre num dado momento da vida dos apreciadores da leitura do folheto. Ser poeta também significa ser detentor de sabedoria, o que lhe confere o papel de mediador entre a literatura popular e a erudita, entre os fatos acontecidos e o povo, entre o governo e a população e,

especialmente, o de representante de seu público, qualificado como "classe pobre, desprotegida". (LULI HATA, 1999, p.13).

Muito do que se lê em versos se mistura com o irreal, ou seja, com a ficção. O poeta, além de trazer muito do que vê no cotidiano, também conta com as próprias ideias imaginadas, e assim, consegue tratar de assuntos mais sérios com um tom mais leve e até envoltos de humor, por exemplo. Curran (2009), fala sobre essa ideia e ainda afirma que:

O texto cordeliano tanto pode ser um relato jornalístico quanto um comentário jocoso ou satírico do dia. Como o poema pode ter (e provavelmente tem) um elemento básico de criatividade e até de ficcionalização ou mitificação do evento ou da personagem enfocada [...] (CURRAN, 2009, p. 32).

Quando partimos para a visão da Feira Central, o poeta de bancada que observa, imagina e escreve, usa dos elementos presentes ao seu redor, do local onde se encontra, para criar o seu conto, logo, pode-se trazer a ideia dele ser um pesquisador do povo, ou seja, em termos técnicos, esse observador realiza um trabalho etnográfico onde já se vê ambientado ao dia a dia, aos costumes, crenças, dizeres, entre outros aspectos. Zanini (2015) define a pesquisa etnográfica como sendo "o estudo da cultura e o comportamento de determinados grupos sociais. Literalmente, etnografia significa descrição cultural de um povo (do grego ethnos, que significa nação e/ou povo e graphein, que significa escrita)".

Dito isto, neste âmbito, particularmente, fazemos a comparação da observação do cordelista com o papel do pesquisador etnográfico apenas para enfatizar o ato da vinda de vários cordelistas à feira, para observar, estudar e criar suas descrições que são feitas como resultado do convívio em determinado lugar espacial, especial e simbólico (Feira Central) para a confecção de seus folhetos.

Sendo assim, a confecção desta Literatura Popular não demanda roteiros ou determina um campo, entre outros métodos que a pesquisa etnográfica exige em si, mas é um método simples, uma construção da realidade diária de pessoas e do local que não poderia ser descrita sem a vivência ou passagem no mesmo.

Vem a ser improvável conseguir descrever totalmente as histórias de um lugar, mesmo que o próprio indivíduo estivesse nele desde o nascimento, mas é possível documentar/relatar a grande maioria dos acontecimentos.

A Literatura de Cordel tem o seu peso e seu valor e isso foi reconhecido no dia 19 de setembro de 2018 com o título de Patrimônio Cultural Brasileiro. Este gênero literário, que já era motivo de orgulho para quem o produz, hoje circula por vários, senão, por todas as feiras e estados do país, levando histórias, cultura e, principalmente, a identidade nordestina versada em rimas e descrita em detalhes pelos pesquisadores do povo.

E falando sobre títulos e reconhecimentos, a Feira Central de Campina Grande também teve o seu valor revelado ao país no dia 27 de setembro de 2017, quando o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) a reconheceu como Patrimônio Histórico Cultural e Imaterial Brasileiro. Título que trouxe consigo a promessa de eternizar esse lugar tão importante para o crescimento e a história da cidade.

Caminhando praticamente juntos do início à continuação dos dias atuais e vindouros, O Cordel e a Feira têm conservado um laço que se mantém por meio das gerações de feirantes, clientes e artistas que continuam a ocupar o local. Contudo, realizando um levantamento empírico, verificamos que as bancas de cordel, tipografias, editoras, entre outros espaços de comercialização e distribuição do cordel, praticamente inexistem na atualidade na Feira Central de Campina Grande. Em uma busca por catalogar estes espaços, apenas um local foi registrado, que segue preservando solitariamente esta tradição. É a banca de seu Luís, que fica na Rua Cristóvão Colombo.

A caminhada realizada com intuito de confirmar o que já sabíamos devido a permanência quase que diária no local, revelou que os folhetos são expostos no meio da rua (neste setor não há tráfego de veículos) em dias de maior movimento, mas durante a semana os cordéis ficam colocados em local de pouca visão.

**Figura 5:** Seu Luís em sua banca na Feira Central de Campina Grande.



**Foto:** Daniella Régis

**Figura 6:** Banca de seu Luís na Feira Central de Campina Grande.



**Foto:** Daniella Régis

#### **4.1 FEIRA, CORDEL E FOLKCOMUNICAÇÃO**

Dentro de todo esse contexto que vem sendo trabalhado sobre a temática Feira e Cordel, faz-se necessário mencionar a prática/teoria da Folkcomunicação, termo voltado ao estudo da comunicação popular e folclore, aspectos da prática cotidiana de grupos de pessoas que criam suas formas de

comunicação, bem como, suas maneiras de realizar ou transmitir conhecimentos e saberes à sua maneira. Esse termo que tange ao nosso objeto de estudo, Feira e Cordel, duas manifestações que estão imensamente contidas a essa teoria, justamente por serem nascidas de um povo que têm seus costumes próprios, suas formas de se comunicar e trocar ou compartilhar informações entre si.

A Folkcomunicação é uma teoria criada pelo jornalista, sociólogo e pesquisador Luiz Beltrão, na década de 1967, e trabalhada em seu doutorado na Universidade de Brasília - UnB. A teoria se encaixa com a base deste trabalho justamente pelo fato de termos um local de práticas e manifestações do povo enquanto definição da Folkcomunicação e, também, por trabalharmos a Literatura de Cordel, visto que, esta é evidenciada como sendo um veículo da comunicação popular, com assuntos de tema geral, desde política, costumes, histórias reais ou fictícias, entre outras vertentes.

O poeta popular é tido aqui como uma fonte que se ‘informa para informar’, levando o novo para onde vai e coletando assuntos aonde chega, passando a construir folhetos a partir do seu ponto de vista, do seu olhar etnográfico apontado para ambientes, pessoas, momentos e, tratando deste trabalho, da Feira Central de Campina Grande.

José Marques de Mélo, aluno, discípulo e amigo de Luiz Beltrão, ampliou o conceito de Folkcomunicação criado por Beltrão e o que antes se ligava apenas ao Jornalismo, passou a abraçar outras vertentes em estudos científicos, na cultura, no folclore e no povo.

A partir de estudos sobre a temática, Marques de Melo (1979), classificou os Gêneros da Folkcomunicação, em quatro categorias inspiradas na visão de Umberto Eco, sendo elas: Folkcomunicação Escrita, Oral, Icônica e Cinética.

Na visão desenvolvida neste estudo, identificamos que duas categorias da Folkcomunicação são lembradas quando tratamos sobre Literatura de Cordel escrita, declamada e contida na embolada de coco. São elas:

- **A Folkcomunicação Oral**, em que José Marques de Melo (2008) apud GOBBI; FERNANDES (2013, p. 17) cita o formato de embolada dentro de seu sistema sobre a temática, e a define como sendo um “canto, improvisado ou não, comum às praias e sertão do Brasil, tem a sextilha e o refrão típico como característica”;

- **A Folkcomunicação Visual**, trazendo a xilogravura popular (gravura em madeira tipicamente usada em capas de cordéis) e a Literatura de Cordel como um “romanceiro popular nordestino exposto à venda em cordel (cordão) em feiras e mercados”. Marques de Melo (2008) apud GOBBI; FERNANDES (2013, p. 19)

Desta forma, por reconhecermos a Feira Central como um ambiente receptivo às mais variadas manifestações da cultura popular, bem como, espaço aberto a receber visitantes, pesquisadores, artistas, etc, podemos reconhecer o lugar como sendo - desde a sua construção e identidade como pólo comercial de encontro para vários povos - palco para estudos, trocas populares de informações e, principalmente, ambiente aberto à prática da Folkcomunicação.

A partir dessa visão, os cordelistas que estiveram na Feira de Campina Grande, acabam por serem tidos como agentes da Folkcomunicação, já que Beltrão (1980) cita:

A folkcomunicação é, por natureza e estrutura, um processo artesanal e horizontal, semelhante em essência aos tipos de comunicação interpessoal já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa (BELTRÃO, 1980, p. 28, apud AMPHILO, 2011, p. 202).

Os conteúdos dos folhetos são elaborados a partir do que é capturado pelo olhar dos poetas. Estes, contam histórias verídicas, criadas, vivenciadas e de ficção, mas abraçam a essência do espaço da Feira. Isto verificamos ao adentrarmos nos cordéis que, analisados, traduziram sentimentos, olhares, pontos de visão e histórias sobre o lugar.

## **5 A FEIRA EM CORDÉIS**

O fio que une a Literatura de Cordel às feiras, mais especificamente, neste trabalho, à Feira Central de Campina Grande, se enlaça a partir do âmbito histórico onde um complementa o outro em sociabilidades, cultura do povo e escrita poética. Também do sentido de quem vai ‘fazer a feira’ (cliente), de quem ‘está na feira’ (feirante) e de quem ‘ver a feira’ (poeta); fio este que se estende

ao que compõe o espaço como o mercado, os bancos, armazéns, feiras de troca, de peixe, de frutas, conversas, a informação, a embolada, a cantoria, entre outras coisas. Podemos então, dizer que a poesia se firmou com o passar dos anos, traduzindo a essência do povo e de tudo o que acontecia/acontece no lugar.

A poetisa Anne Karolynne, em seu *Cordel Na Feira com a Família* (2019), traz a visão em trechos da sua obra, sobre o sentimento de frequentar a feira e a expectativa em chegar o dia de ir às compras:

3- Quando chega a sexta-feira  
Eu já vou me preparando  
Abro logo a geladeira  
Pra ver o que tá faltando  
Pego papel e caneta  
Que é pra eu ir anotando.

4- Meu filho vai perguntando  
O que pretendo comprar  
Eu digo que é laranja  
Seriguela pra chupar  
Ele diz: - Compra goiaba  
Pra ter suco pr'eu tomar.

5- Eu não paro de anotar  
Pra não me esquecer de nada  
O meu marido pergunta:  
-E verdura pra salada:  
Não esquece a sobremesa  
O quebra-queixo e a cocada.

6- Termina a lista animada  
E até já sinto o sabor  
De tudo o que eu vou comprar  
Cada cheiro e cada cor  
No sábado acordo cedo  
Ao som do despertador

7- Então vou com meu amor  
E junto com meu filhinho  
Fazendo muita zoadá  
Durante todo o caminho  
Pois o dia de ir à feira  
É um dia de carinho.

8- Ouvimos um burburinho  
Logo que chegamos perto  
Um mói de gente na feira  
Feirantes com banco aberto  
É muita cor, energia  
É um povo muito esperto.

No primeiro verso Anne Karolynne retrata o ritual que boa parte dos frequentadores da feira seguem rotineiramente. Mas além do que já é de costume aos nossos saberes, a essência que se captura dos versos é ligada à vivência em família que, apesar da modernidade no que condiz a termos “Geladeira” (no terceiro verso, estrofe 3) e “Despertador”(verso 6 estrofe 6), itens que pouco se lê nos folhetos, mas que demarcam o tempo, a atualidade. Elementos que também causam um contraste com ‘quebra-queixo e a cocada’, alimentos comuns em relatos sobre o que existe de venda e consumo antigo na feira.

Nos versos 6 e 8 ela fala sobre cores que remetem a frutas e também ao colorido que os feirantes promovem a partir da diversidade e energia que compõem a estrutura do ambiente.

Características do lugar são citadas ao falar sobre sons que podem ser ouvidos ao se aproximar da feira, das poucas identidades que se mantêm no âmbito atual do lugar.

Esse é um entre três folhetos que foram desenvolvidos por cordelistas para o projeto “Bom é na Feira”, desenvolvido pela Prefeitura de Campina Grande, com outras parcerias, e atuante dentro do Mercado Central, sempre colaborando com apresentações e movimentos culturais que ocorrem no espaço, além de garantir que essas atividades promovam a valorização da Feira Central.

De um modo geral, a descrição feita pela poetisa vem com o intuito de despertar uma vontade nas pessoas de irem à feira aproveitar tudo o que há, repovoar o espaço que leva o peso e o título de Patrimônio Cultural do Brasil.

Nos versos do poeta e artista plástico, Josafá de Orós - *A Feira de Campina Grande em Cordel - 2015*, conseguimos adentrar de fato no espaço da feira e visualizar o que acontece em tempo real no ambiente.

8 - Essa feira que já foi  
Palco de muita atenção  
Inda hoje nos desperta  
Forte admiração  
Pelo valor que segrega  
Beleza que por si medra  
Castelos de emoção.

9 - Só na feira de Campina  
Que vejo estripulia

Lá tem torrado no tacho  
 Guisado com molho, jia  
 Um “bebo” toma lapada  
 A testa fica suada  
 E aí o canção pia.

22 - Na feira como se sabe  
 Tem sempre de quase tudo  
 Sarapatel e rabada  
 E mocotó cabeludo  
 Que faz caldo saboroso  
 Pra espantar o tihoso  
 Com fama de tabacudo.

39 - Na feira de troca, arretado  
 Tem controle sem pilha  
 Um bodim atrofiado  
 Flash emperrado, braguilha  
 Calça rasgada no fundo  
 Tabela de copa do mundo  
 Vencida, que maravilha!

40 - E na feira de galinha  
 Tem ganso, pato e guiné  
 Pinto novo e canário  
 Bacurim magro, inté  
 Um ‘cabritim’ moxotó  
 Preá da índia e mocó  
 Peixe pego e jereré.

Ao observarmos as estrofes do primeiro verso (de número 08), consegue-se perceber que o poeta reconhece a importância histórica que ainda persiste na feira, apesar das mudanças ocorridas com o tempo e os costumes populacionais.

O movimento ainda acontece nos dias atuais, principalmente, em dias que são o auge da movimentação da feira (sextas e sábados). Passeios dentro e fora do Mercado Central revelam bares, cozinhas e armazéns, entre outros espaços, ocupados por quem “faz caminho de roçado” a cada fim de semana, vindo com mercadorias e voltando com a feira feita para casa.

O ‘café da manhã’ de quem chega muito cedo ainda vem recheado do que é descrito no verso 22, visto que, de costume, o mocotó é um dos pratos que elevam as energias de quem se encontra fraco/caído. Recortes do tempo ainda se encontram na feira de troca, com objetos que já serviram a uns e além de carregar histórias, ainda servem para construir memórias com outros.

Enxergando a feira a partir de versos descritos pelo olhar de Josafá de Orós, entendemos que a lembrança que envolve o dia a dia e os detalhes é o que o atraiu a escrever sobre a feira. Aquela tradição que não se perde, mas

ainda resiste por entre as ruas, os becos e vielas, ficaram gravados na escrita do poeta e, de certa forma, quem já teve a oportunidade de conhecer a Feira Central, com certeza, ao ler, passeou enxergando cada verso de mais um cordel sobre A Feira de Campina Grande.

E não se pode falar da Feira sem lembrar de Antônio Patrício de Souza (1925 - 18/10/2016), conhecido como Toinho da Mulatinha, poeta que esteve presente no dia a dia do Mercado Central campinense por cerca de 60 anos. O poeta era andarilho de outras feiras, e falava sobre isso partindo de seu ponto fixo, como no livreto abaixo *Toinho da Mulatinha cantando coco nas feiras - 1955*.

Assim eu cantava côco  
De embolada nas feiras  
De Campina a Cajazeiras  
De Esperança a Pilar  
[...]  
Agora é a embolada  
Pedindo dinheiro ao povo  
Ao velho e ao novo  
Paga quem quiser pagar  
[...]

Aquele que me ouvir  
Cantando a embolada  
Achar bom e não der nada  
Se eu morrer venho buscar.

A ideia de observação que buscamos aqui foi a de analisar o olhar de Toinho da Mulatinha um pouco de fora do seu espaço, ou seja, sim, ele habitava na Feira Central de Campina Grande diariamente, mas usava de sua criatividade e, além de citá-la sutilmente em seus versos, também usava de esperteza para adentrar à criação como próprio símbolo do lugar (ou dos lugares/feiras), se encaixando como atuante ativo nos versos.

Como ele mesmo fala acima, se entendendo como embolador que faz a sua arte, ele está esperando agrado de quem assiste e usando-se de bom humor para obter a recompensa. Entende-se aqui a relação de interação promovida no verso, trazendo quem está na feira assistindo à declamação ou à embolada, e participando ativamente do ato.

Além disso, como Toinho estava diariamente na Feira Central, conhecia maneiras, manias, pessoas, detalhes e cantos, já que fazia banca fixa no lugar.

Justamente por ser peça fixa, produzia seus cordéis não somente falando sobre a ‘feira das feiras’, mas se utilizava dos elementos existentes na mesma para produzir a ficção misturada ao humor, em seus folhetos. Como exemplo da identidade da feira existente em estrofes do cordelista, temos o livreto *Satanás no inferno está contente porque lá chega errado todo dia - 2011*.

01 - O primeiro que chegou foi Lusbel  
Era bom, mas mudou o seu juízo,  
Querendo dominar o Paraíso  
De Deus Pai, e de toda Israel.  
Fez Eva gozar lua-de-mel  
No Jardim da Santa Moradia.  
E além dessa grande grosseria,  
Transformada em uma fera serpente,  
Satanás no inferno está contente,  
Porque lá chega errado todo dia.

02 - O segundo, foi Caim, de cabeleira  
Que era forte que só dente de rodete,  
Matou seu irmão com um cacete,  
Lá no campo, em uma segunda-feira.  
O cacete era até de Aroeira,  
Quando batia o cacete, ele sorria.  
Vendo o irmão estirado, ele dizia:  
Lhe matei! Vou pr'um canto diferente.  
Satanás no inferno está contente,  
Porque lá chega errado todo dia.

03 - O terceiro, foi o velho Lampião,  
Virgulino, um perverso cangaceiro.  
Que matou gente, daqui pro Juazeiro  
De cacete, de punhal e de facão.  
Foi ao inferno, pra morar com Plutão,  
Para ele não teve hospedaria,  
Nem hotel, nem bar, nem moradia,  
Que ‘no quinto do inferno’ a boca é quente.  
Satanás no inferno está contente,  
Porque lá chega errado todo dia.

Nos trechos acima foram encontradas apenas referências sobre a Feira Central. Toinho cita materiais que são vendidos na mesma (elementos do seu espaço) a, bem como, uma planta à qual ele se refere como um objeto de bater, mas que esta também serve como planta medicinal.

Além de envolver no início, uma referência ao livro bíblico de Gênesis, no decorrer dos versos Toinho da Mulatinha tece uma história que traz uma mistura de ficção, humor, realidades do mundo e verdades do seu ponto de vista e do contexto do cotidiano onde viveu. Ao invés de buscarmos referências à

feira-livre entre os versos, precisamos admitir que o poeta aqui, por si só, é uma representação do seu local em quaisquer das falas.

Outro cordel a ser analisado é o *Grande Marco de Campina Grande 2009*, do poeta pernambucano Manoel Monteiro. Ainda jovem, aos 15 anos, chegou à Rainha da Borborema para conhecer a Feira Central de Campina Grande, onde viria a reverenciá-la em versos. No folheto, Manoel trata sobre a cidade de uma forma geral, trazendo detalhes. Abaixo destacamos versos onde o cordelista fala sobre o foco central do trabalho, a Feira Central. Vale citar que, sempre que fala de Campina Grande, Manoel Monteiro não poupa elogios à cidade, como podemos comprovar no verso 16.

16 - Esta cidade de sonhos  
Tanto é tua quanto é minha,  
E, nasceu pra ser criança,  
Pois, quando estava novinha,  
Pela beleza mostrada  
Começou por ser chamada:  
VILA NOVA DA RAINHA...

17 - No começo, muitos bichos,  
Índio, cocar, flecha, besta,  
Pássaro orquestrando tardes  
Tendo por palco a floresta,  
À noite, fogueira acesa,  
Homem - versus - natureza,  
Cantos tribais, dança, festa.

18 - Depois, Ponto de Encontro,  
De Tropeiro e Viajante  
Com escambo à moda antiga  
Sem ter dinheiro sonante,  
Quem chegava não saia,  
E, desse modo nascia  
Um vilarejo pujante.

19 - E nesse Ponto de Encontro  
O escambo inicial  
Pulou da troca pra venda  
De Produto e Animal,  
Essa feliz conjunção  
Desaguou no embrião  
Da GRANDE FEIRA CENTRAL.

20 - Na nossa Feira Central  
Tem de tudo que se queira,  
Se você quiser comprar  
Coisa importante ou besteira  
Podes crer, eu te garanto,  
Não procure em outro canto  
Se não encontrar na feira

21 – Lá tem pegador de brasa,

Arreio, ferragem, sela,  
 Pote e panela de barro,  
 Penico, alguidar, tigela  
 Tem coisa boa e tem tralha  
 Chapéu de Couro e de palha,  
 Pilão, esteira e gamela.

Manoel Monteiro percorre as estrofes iniciais e continua nas linhas seguintes, descrevendo sobre o que sabe da história do espaço da feira. A escrita do poeta denota detalhes do que se passou antes e durante o processo da feira se tornar, de fato, um grande marco comercial. Ele vai além do que se vê na atualidade, leva o leitor do cordel a uma viagem ao passado, seguindo nos parágrafos 17, 18 e 19, servindo como um guia ao detalhar em rimas como tudo se deu no espaço de tempo.

No vigésimo verso, ele resume o que é visto e procurado no local e eleva a importância da feira a um patamar de única quando indica “Não procure em outro canto Se não encontrar na feira”. E segue descrevendo um pouco de tudo o que existe na mesma, como conferimos no verso 21. Em apenas sete versos citou artigos de cozinha e banheiro, itens usados por agricultores e suas esposas, e, parando para avaliar melhor, passeamos aqui na feira de ferragens, na feira de panelas junto a de roupas, na feira de troca e em armazéns com artigos de fazenda e animais.

Na visão de Manoel Monteiro, enxergamos a diversidade de coisas que se pode, ou que poderia, encontrar em um só lugar, ou em uma calçada, afinal, o folheto data de 2009 e podemos afirmar que algumas coisas mudaram, outras, não.

Mas ele mostra que a Feira Central continua uma feira tradicional com um povo aberto a se adaptar às mudanças, mas sem perder a verdadeira essência de feirante, de cliente.

No folheto *‘Venha viver em Campina o Maior São João do Mundo, 2005*, Manoel Monteiro também traz uma referência à feira, sendo ela aqui lembrada a partir da comercialização dos cordéis (folhetos de feira) como podemos observar:

21 – No Sítio S. João também  
 Tem uma velha Rendeira,  
 Um “armazém” de mangaio  
 E uma BODEGA inteira

Sortida com mil artigos;  
Mais uns poetas antigos  
Com seus folhetos de feira.

Nesse cordel ele versa, obviamente como o título diz, sobre o São João de Campina Grande, mas poderia usar de outras palavras para citar poetas, por exemplo, se referir aos folhetos apenas como folhetos ou Literatura de Cordel, mas mencionou-os como folhetos de feira, exatamente em referência ao Mercado central da cidade. Atitude que, no próprio Sítio São João, o turista que por lá passasse e adquirisse os folhetos como o de Manoel Monteiro, procuraria se direcionar à Feira Central para conhecer e visualizar tudo o que foi lhe apresentado em verso.

## **6 CATEGORIZAÇÃO**

Para realizar a categorização do material, utilizamos da técnica de Análise de Conteúdo de Bardin (2011) apud Sousa, J. R. de, & Santos, S. C. M. dos. (2020), que separa a organização em três etapas:

1ª pré-análise; 2ª exploração do material, categorização ou codificação e 3ª tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Bardin (2004) apud Sousa, J. R. de, & Santos, S. C. M. dos. (2020) revela que na primeira etapa acontece a triagem do material por meio de sistematização em quatro fases: a leitura flutuante, a escolha dos documentos, as reformulações de objetivos e hipóteses e a formulação de indicadores.

De acordo com Oliveira (2007), a partir do que foi encontrado nos versos analisados anteriormente neste trabalho e na lista de folhetos, verificamos as temáticas mais trabalhadas na Literatura de Cordel, a partir, digamos assim, da leitura de observação detalhada realizada pelos poetas. Com isso, para realizar a categorização dos cordéis que falam sobre a Feira Central de Campina Grande, seguimos o critério de análise de conteúdo por meio das pesquisas exploratória e documental de abordagem qualitativa.

O levantamento exploratório e documental foi realizado pela leitura prévia de outros títulos e de outros conteúdos dos Cordéis que versavam sobre a feira, para organizá-los em categorias as quais foram mais citadas nos folhetos de cordelistas que passaram pelo espaço.

A partir do olhar de cada poeta pudemos formar nove categorias:

- **Produtos / Comércio:** contendo orgânicos/naturais da (agricultura); animais; itens confeccionados como bonecas, ferragens, objetos de madeira, plantas medicinais etc;
- **Interação com feirantes:** diálogos de pechincha, troca de conhecimentos, trabalho, técnicas de negociar;
- **Personalidades:** cordéis que falam de artistas na feira;
- **Setores/distribuição da feira:** ruas, descrição de cada feira (de queijo, de frutas, flores...);
- **Estrutura:** bancos de feira, barracas, diversidade, cores;
- **Relevância/Valor da feira:** história, progresso, local de comercialização (Até de Cordel), de troca, de ganhar o sustento, de cantoria;
- **Essência:** lembrança, saudosismo, simpatia dos feirantes;
- **Lugar:** Feira como ponto de encontro de emboladores e poetas e cantadores;
- **Peleja:** conversa rimada e ritmada entre poetas.

Dessa forma, pudemos observar acima, um sistema criado pelos poetas para descrever o que é a Feira Central de Campina Grande pelo olhar de cada um. Mas vale lembrar que, apesar das semelhanças na construção de estrofes, cada cordelista consegue contar de forma individual a sua versão rimada sobre o lugar.

Abaixo foi construída uma tabela com a descrição de conteúdos a partir das categorias a que cada cordel traz sobre a feira:

**Tabela 1 – Cordelistas e folhetos que versam sobre a Feira Central**

Cordelista	Título	Categoria	Ano
------------	--------	-----------	-----

1. Antônio Patrício de Souza (Toinho Da Mulatinha)	Campina Grande, a Viola e as Belezas do Nordeste.	Personalidades, Relevância / Valor da feira, Lugar	1976
2. Antônio Patrício de Souza (Toinho Da Mulatinha)	Toinho da Mulatinha Cantando Coco nas Feiras	Produto / Comércio, Lugar	1955
3. Anne Karolynne	Na feira com a família	Produto / Comércio, Setor / distribuição da feira, Estrutura, Essência	2019
4. Alunos da 1ª Série/ Manhã do CERC	A feira como ela é!	Produto / Comércio, Relevância e Valor da feira	2005
5. Manoel Monteiro	Campina dos meus amores – Ode a Rainha da Borborema	Produto / Comércio, Interação com feirantes, Setor / distribuição da feira, Relevância e Valor da feira	2011
6. Manoel Monteiro	Grande Marco de Campina Grande	Produtos/Comércio, Setor / Distribuição da feira, Relevância e Valor da feira	2009
7. Manoel Monteiro	A Feira Central de Campina Grande em versos	Produto/ Comércio, Setor / Distribuição da Feira, Relevância e valor da feira, Lugar	2010 1.ed.
8. Manoel Monteiro	Campina dos meus amores (fragmentos); A estória do ET: um homem do outro mundo	Produto/ Comércio, Interação com feirantes, Setor / distribuição da feira, Relevância e valor da feira	2011
9. Manoel Monteiro	Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro	Interação com feirantes, Personalidades, Relevância / Valor da feira, Lugar, Peleja	2011
10. Literatura de Cordel – MAPP - UEPB	Louvação a Toinho da Mulatinha	Personalidades, Relevância / Valor da feira, Essência	2016
11. Moysés M. O. Mota Junior	A descrição da cidade de Campina Grande estado da Parahyba	Produto / Comércio Setor / Distribuição da feira, Interação com feirantes, Lugar	1936
12. João Melchidades	Descrição do Estado da Parahyba do Norte	Produto / Comércio, Lugar	1910
13. Ivaldo Batista	Genival Lacerda O rei da Munganga	Personalidades, Relevância / Valor da feira	2023

	A Feira de Campina Grande em Cordel	Produtos / Comércio, Interação com feirantes, Personalidades, Setor/distribuição da feira, Estrutura, Relevância / Valor da feira, Essência e Lugar	
14. Josafá de Orós			2015
	Comprar Na feira é melhor	Produtos / Comércio, Interação com feirantes	
15. Lima Filho			2019
	O trabalhador da Feira Central da nossa cidade	Produtos / Comércio, Interação com feirantes, Setor/distribuição da feira, Relevância / Valor da feira, Essência	
16. Tiago Duarte			2020
	Ó Campina, sesquicentenária! A história em versos dos 150 anos da Rainha da Borborema Campina Grande	Produtos / Comércio, Interação com feirantes, Relevância/Valor da feira	
17. Rafael Melo			2014
		Setor/distribuição da feira, Relevância / Valor da feira, Lugar	
18. Tiago Duarte			2020
19. Ivaldo Batista	100 anos Jackson – Voz e vida do Pandeiro	Personalidades, Lugar	2019
	Cordel em homenagem a Campina Grande 150 anos	Produtos / Comércio, Relevância / Valor da feira	
20. Zé Grenguena e Zé Matraca			2014
	Fragmentos Da História De Campina Grande - Pb	Relevância / Valor da feira, Lugar	
21. Roberto Ribeiro			2003

A partir da visualização detalhada da tabela constatamos o cordelista Manoel Monteiro como o que mais criou folhetos sobre a Feira Central, fazendo os seus assuntos principais se concentrarem em seis itens da categorização: Produto / Comércio, Interação com feirantes, Setor / distribuição da feira, Relevância e valor da feira, Lugar e Personalidades.

## 7 METODOLOGIA

A metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa documental, bibliográfica e exploratória de abordagem qualitativa, por meio de revisão bibliográfica contida no histórico das temáticas envolvidas e o enlace que proporcionou a junção de ambas (Cordel e Feira) ao passar do tempo.

Segundo Oliveira (2007, p.66), a pesquisa exploratória faz uma pesquisa mais aberta ou ampla e trata de um âmbito geral o objeto de estudo, que é tido como tema pouco explorado.

O Estudo também se caracteriza como documental já que nos utilizamos de materiais (Literatura de Cordel) que não receberam tratamento científico no âmbito do estudo desenvolvido em questão. Gonçalves, (2003) apud Oliveira, (2007) afirma que:

A pesquisa documental é muito próxima da pesquisa bibliográfica. O elemento diferenciador está na natureza das fontes: a pesquisa bibliográfica remete para as contribuições de diferentes autores sobre o assunto, atentando para fontes secundárias, enquanto a pesquisa documental recorre a materiais que ainda não receberam tratamento analítico, ou seja, as fontes primárias. (GONÇALVES, 2003, p. 32)

O trabalho teve seguimento qualitativo, em que Oliveira (2007, p.37), a define “como sendo um processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico e/ou segundo sua estruturação”.

A partir disso, foi feita a análise de periódicos (Folhetos de Cordel) referentes à Feira Central, para compreender a partir da construção dos versos, a visão que cordelistas enxergavam e cenas em que se inspiraram para escrever sobre o espaço, histórias, personagens, etc. Buscamos cordéis escritos por poetas que residiram em Campina Grande e, também, de outros que estiveram de passagem ou foram atraídos pelo lugar e acabaram por versar sobre a cultura e costumes da Feira Central. Também optamos por identificar o poeta que mais escreveu rimas sobre o espaço.

Dessa forma, foi elaborada uma tabela de categorização que delimita conteúdos/elementos mais citados pelos cordelistas em seus escritos, o que foi avaliado como indicadores que mais chamaram a atenção dos poetas na Feira Central.

A categorização foi realizada por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2011) apud Sousa, J. R. de, & Santos, S. C. M. dos. (2020), com a organização dos cordéis em etapas de Pré-análise; Exploração do material, categorização ou codificação; e Tratamento dos resultados, inferências e interpretação.

Além da metodologia mais técnica formulada acima, os métodos do estudo também são compostos sob a concepção do ponto de vista da perspectiva da autora sendo utilizada como uma referência empírica, tanto a partir de observações e da vivência dentro do espaço da Feira Central, como também, na composição de imagens, interação com feirantes e na experiência e participação de eventos no local.

## **7.1 AMOSTRAGEM DA PESQUISA**

Os periódicos analisados foram obtidos por meio de empréstimo de arquivos do orientador da pesquisa, bem como de arquivos pessoais da pesquisadora, também por meio de busca na Internet e a partir do acervo digital disponibilizado pela Biblioteca de Obras Raras Átila Almeida 2ª edição, da Universidade Estadual da Paraíba.

A partir da triagem dos títulos foi realizada uma curadoria dos cordéis em que foram selecionados os folhetos que versavam sobre a Feira Central de Campina Grande independente dos aspectos, que viriam a ser analisados posteriormente para a categorização por título, produtos, ambientes, setores (tipos) da feira, personagens, etc.

Para compor a parte visual do trabalho, foi realizado um passeio dentro da feira para registro de imagens. Outras fontes como a obtenção da amostragem de ruas ocupadas pela feira foi obtida a partir do Google Earth com delimitação desenhada pela pesquisadora. A criação de listas e tabelas se deu a partir da construção da pesquisadora utilizando o Word Excel 2010.

Os cordéis utilizados na pesquisa foram apresentados em formato de tabela e organizados em Nome, Título, Categoria e Ano.

## **8. ANÁLISES E RESULTADOS**

A partir da análise dos materiais, verificamos vários pontos, entre eles, que o ano datado dos cordéis avaliados marca a partir da década de 1910 com obras que vão até o presente ano, 2023, ou seja, revela um período de tempo de mais de cem anos de história e relatos em rimas. Com as informações

evidenciadas verificamos a existência de semelhanças no direcionamento e criação dos folhetos escritos pelos cordelistas. Ao todo, foram avaliados 21 cordéis que remetem à Feira Central de Campina Grande por meio de versos sobre produtos, sobre o lugar, a história, também personagens e feirantes, entre outros pontos.

Após análise de categorização verificou-se que os conteúdos que mais chamaram a atenção dos poetas na escrita de seus folhetos foram os **Produtos** e a **Relevância / Valor da Feira Central**.

Logo, a maneira de descrição, a depender da categoria, apresentou dois olhares. Por exemplo, o tópico de **Produtos** foi descrito em dois aspectos: o primeiro quando o comércio se dava a partir da troca de animais e de mercadorias como cereais, carne, tecidos, etc; e em segundo, com o passar dos anos, na forma de venda de produtos em grosso e varejo no ambiente do que já era feira. Essa observação trouxe reflexões sobre o “velho” e o “novo”, relevando algumas diferenças na aquisição de mercadorias. Ou seja, o cordel de Moysés M. O. Mota Junior - *A descrição da cidade de Campina Grande estado da Parahyba - 1936*, por exemplo, traz trechos que revelam a comercialização de cereais, estivas e grãos em armazéns do local: [...] Mil cargas de raspadura [...] / Pés de mesa e tamborete/ taboados e Pranchões / Movelaria e tapete [...] (p.5). Enquanto que cordéis de Josafá de Orós (2015), Manoel Monteiro (2009, 2011, 2022) e Anne Karolynne (2019), direcionaram suas observações à comercialização de mercadorias em varejo como frutas, roupas, ferragens, artigos de fazenda, cozinha e outros derivados, por estarem contidos à feira da atualidade.

Identificou-se também, ideias mais precisas com foco direcionado a **Setores / Distribuição da feira**, de plantas medicinais, de frutas e de flores, onde foram listados itens de fato: Chás de canela, de Boldo e Erva-doce; Frutas como Goiaba, Caju e Mamão, e flores de Girassol, Jasmim, Margarida, incluídos como detalhes do que se vê à venda na Feira.

Manoel Monteiro e Josafá de Orós traduzem a feira como um ambiente em que se tem de tudo o que estiver à procura, daí se avalia a ideia de observação dos cordelistas em esmiuçar as informações obtidas do que se comercializa no local.

Na categoria de **Relevância / Valor da Feira**, a maioria dos poetas também trataram sobre o assunto ao transformar a história da Feira Central em versos que iam desde a movimentação de tropeiros com trocas de mercadorias, ao progresso que foi tornando o local um ponto de passagem para viajantes e referência comercial, sendo também, lugar de contos, cantos, embolada e poesia.

Enquanto cordelistas como Antônio Patrício de Souza (1976) e Manoel Monteiro (2009, 2011, 2022) discorrem sobre a **relevância** do espaço em comercialização e de ser o centro de tudo, os poetas Tiago Duarte (2020) e Rafael Melo (2014), enaltecem o **Valor da Feira** e sua **Relevância** a partir do trabalho dos feirantes, ou seja, eles trabalham os seus versos também de forma a haver interação com os trabalhadores do lugar. Tiago em seu cordel *O trabalhador da Feira Central da nossa cidade - 2020*, além de revelar várias categorias pontuadas nesta pesquisa, também escreve sobre os feirantes e elenca as funções mais comuns que complementam o espaço como é o caso de carroceiros, trabalhadores braçais, donos de bares, mercados e mercearias.

Já Rafael Melo em seu folheto *"Ó Campina, sesquicentenária! A história em versos dos 150 anos da Rainha da Borborema" - 2014*, discorre sobre feirantes como bons trabalhadores, que chegam cedo ao lugar, enfrentam sol e chuva em seus pontos ou como descreve o poeta: "O trabalho deles perdura / Com chuva ou sol a pino / Tem adulto e tem menino / Bancas asfaltam o chão [...]".

O olhar dos dois poetas vai além da estrutura do lugar, alcança o trabalhador de forma geral valorizando a sua existência na imagem diária. O feirante e aqueles que estão no espaço desenvolvendo outras atividades, mas não deixam de compor o movimento que acontece na feira. A ideia aqui também dialoga com a categoria de **Interação com o Feirante**, revelando o trabalhador como parte integrante do espaço e, em cordéis de Manoel Monteiro, Anne Karolynne, Lima Filho e Josafá de Orós, por exemplo, esse destaque também se dá a partir da proximidade cordelista-feirante, acontecendo uma conversa entre poeta e feirante, também a interação na forma de o cordelista citar os nomes dos indivíduos que comercializam produtos no ambiente há determinado período e,

por conhecer, acontece a construção do verso que traz a figura mais conhecida, por assim dizer, nos pontos de determinados setores da feira.

O espaço da Feira Central também foi lembrado nos folhetos como sendo um **Lugar** de encontro de poetas, cantadores e emboladores. No cordel de Antônio Patrício de Sousa (Toinho da Mulatinha), *Campina Grande, a Viola e as Belezas do Nordeste*, 1976, a categoria de **Lugar** aparece referenciada a partir do olhar da Cidade de Campina Grande no geral, em que ele diz: “[...] É o centro dos artistas / Com criadores brilhantes / Três programas importantes / Pra poetas repentistas [...]” ; Vem poetas populares / De outras ricas cidades / Fazerem festividades [...]”, mas já foi revelado o ponto de encontro dos artistas como sendo o ponto comercial que veio a se tornar Feira Central, logo, mais adiante no mesmo folheto, Toinho da Mulatinha, após citar nomes de artistas que passaram por Campina Grande, ele também se coloca como um e escreve: “[...] E MULATINHA, o autor / Desta história verdadeira / Com sua ideia certa [...]”.

O escritor e cordelista Ivaldo Batista também trouxe a Feira Central como um Lugar de encontro entre artistas no cordel *100 anos Jackson – Voz e vida do Pandeiro*, 2019, quando trouxe à vida, a história de Jackson do Pandeiro, contando como se deu o trabalho do artista ajudando no sustento da família após a morte do pai e a mudança para Campina Grande: “[...] Porém não deixou de ver violeiro / Pelas feiras andou com todo artista [...]”. Ao falar sobre mais de uma feira, automaticamente, existe a inclusão do Mercado Central, este que também inspirou cordelistas a falar das **personalidades** que circularam no local como o próprio Jackson do Pandeiro e, também, o Genival Lacerda, “ O Rei da Munganga”, nascido na feira de flores, e que teve sua história eternizada em cordel, também, por Ivaldo Batista.

Na categoria de **Personalidades** na feira, citamos mais uma vez o folheto de Toinho da Mulatinha *Campina Grande, a Viola e as Belezas do Nordeste*, 1976, que trata de vários nomes que passaram pela cidade e, conseqüentemente, pela Feira: “[...] Campina Grande é o centro / Dos poetas brasileiros [...] / Temos muitos violeiros / Filhos de outros lugares / Como Manoel Soares / O vate José Medeiros / Com força e versos certos [...] / Conhecido em muitos cantos / Manoel Camilo dos Santos [...]”.

Como percebe-se até aqui, a Literatura de Cordel traz uma série de registros tanto da atualidade como de períodos passados. Ela traz o registro

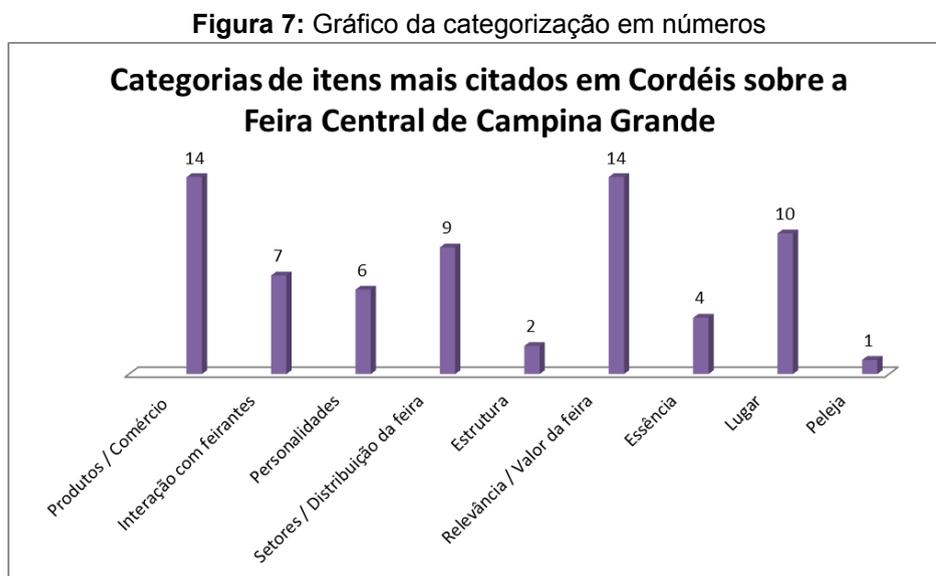
documental que une a feira aos versos de cordelistas que aqui passaram para contar a história do espaço, das pessoas e personalidades, bem como, da passagem do tempo. E é a partir dessa passagem do tempo que encontramos também, registros versados que denotaram a **essência** de sentimentos de lembrança, como no caso do cordel de *Louvação a Toinho da Mulatinha, 2016*, em que a união de 18 poetas se deu nessa construção que trata de boas lembranças, também de alegrias e do pesar da perda do poeta que se fez como último presente no espaço da Feira Central, em sua banca de cordéis, comercializando seus versos e memórias, sendo último ponto de encontro para amigos da arte e da rima.

No âmbito da **estrutura** da feira, foram identificados em dois folhetos, duas formas de se observar o espaço da feira. A primeira delas dialoga com a forma observada pela cordelista Anne Karolynne, a forma que ela chega no lugar e do seu ponto de vista, descreve bancas e a disposição das cores de frutas diferenciadas. O modo como o cordel é conduzido a partir dessa primeira impressão, passa a ideia de uma feira diversa em itens e em mercadorias para quem vai às compras.

Josafá de Orós em seus versos *A Feira de Campina Grande em Cordel, 2015*, observa no espaço, além de cores e outros aspectos, a necessidade de modificar e preservar o local a partir da recente discussão sobre a reforma necessária no lugar. Ele discorre sobre a atenção que a feira precisa, a restauração de espaços para se manter a essência e os traços da história que fez crescer o nome da Feira de Campina pelos arredores do estado da Paraíba.

No quesito **Peleja**, foi encontrado um folheto escrito por Manoel Monteiro onde ele “Canta em Versos” com um dos grandes nomes em cordéis e tipografias na região da Borborema. No cordel intitulado *Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro, 2011*, Monteiro fala de sua ida à Feira Central de Campina, local escolhido por ele para entoar seus versos, e que acabou sendo encontrado por um personagem imaginário e uma peleja foi marcada entre ele e Manoel Camilo. No cordel, a peleja acontece cantada em viola pelos dois personagens, duelo que aconteceu em um salão, mas não define onde era o salão, se na feira ou em outro lugar. Ainda assim, o cenário da Feira Central como encontro dos dois poetas para uma prosa cantada denota o lugar como ponto de encontro da poesia e, também, de poetas.

Colocando a categorização em números podemos observar os itens que foram mais citados pelos cordelistas em seus folhetos:



**Fonte:** Daniella Régis

Os pontos de Produtos / Comércio e Relevância / Valor da Feira ficaram em evidência no gráfico, revelando que a história e o progresso comercial do espaço, bem como, as mercadorias existentes no ambiente foram os tópicos que mais chamavam a atenção dos poetas para a construção de versos. Enquanto que a Essência, a Peleja e a Estrutura da feira não demandaram tanta atenção dos cordelistas. Embora seja necessário elencarmos que a Peleja, por ser na maioria das vezes apenas declamada e não escrita, acaba por se perder por não haver registros escritos em bancada pelos seus criadores da oralidade.

Já os quesitos de Personalidades, Interação com Feirantes e Setores / Distribuição da feira, em média, foram bem trabalhados pelos poetas, exatamente por ambos estarem conectados às histórias e interações contidas no ambiente da Feira Central de Campina Grande, fosse em um grande período de vivência no lugar ou pelo fato de visitar o espaço com objetivo de encontrar inspiração e histórias para contar sobre o local.

Em termos de Lugar, os poetas recordam da Feira Central em seus cordéis como um marco de passagem, daí a resposta para uma quantidade elevada de menções sobre o espaço.

Como um todo, verificamos 67 menções sobre termos que se relacionam à Feira Central de Campina Grande como tema da Literatura de Cordel nas

mãos de poetas fixos e andarilhos que estiveram no espaço para observar e eternizar memórias.

## 9 CONCLUSÃO

O caminho traçado nas linhas deste trabalho nos permitiu encontrar evidências sobre a união entre o Cordel e a Feira de Campina Grande. A história se mostrou estar profundamente contida ao comércio e à circulação de viajantes e negociantes de vários tipos de produtos.

Ao contarmos um pouco de como se deu a história e formação de cada um, passamos a entender que a localização da cidade contribuiu para que a Feira Central se tornasse ponto de encontro para esses povos, como também, para os artistas da cantoria, do verso e da embolada, que enxergaram a feira como um lugar estratégico para promover suas artes a partir de apresentações de pelejas e emboladas, cantorias e declamação de cordéis.

A mistura dessas artes à movimentação do lugar, bem como, a utilização do mesmo como encontro e comercialização de folhetos, tornou o espaço rico em cenários e histórias inspiradoras para os cordelistas que estavam de passagem, e atraiu outros a fixar moradia e folheterias ao passar dos anos.

E assim a venda e a produção de folhetos se estabeleciam na feira da Rainha da Borborema. A interação entre as pessoas, as bancas, as cores da feira e cada detalhe do espaço serviu como roteiro para, linhas, estrofes e versos de poetas populares. Ao analisarmos cordéis com conteúdo voltado à Feira Central, realizamos uma categorização para melhor compreensão partindo da visão dos poetas.

Com a definição de nove categorias, descobrimos os assuntos mais trabalhados e, conseqüentemente, de maior interesse dos poetas na hora de descrever e construir versos sobre a Feira Central de Campina Grande. Os Produtos e o Comércio; a Relevância e o Valor da Feira foram os temas de maior destaque nos folhetos, colocando em evidência a história da cidade e o progresso comercial do espaço, bem como, as mercadorias que estavam e que estão à venda no ambiente.

Já os tópicos de Estrutura da feira e a Peleja, foram pouco trabalhados, denotando baixo interesse dos poetas em documentar esses itens no cordel. A análise também revelou Manoel Monteiro como sendo o cordelista que mais produziu folhetos sobre o lugar.

De certa forma, o ponto de vista dos cordelistas que versaram sobre a Feira Central mirou o movimento do ambiente como um todo, tratando desde a vivência passada há décadas, até o atual, revelando o que compõe as características tradicionais da feira do Nordeste e de toda a história que nutre e nutriu o espaço e que mantém viva a essência do lugar.

Com a categorização ficou nítido o quanto a Literatura de Cordel se mostrou contida no espaço. A comercialização de materiais tidos como representativos da região Nordeste e o valor histórico que a feira central possui foram os pontos mais destacados diante das produções, o que elevou o nível de importância do comércio de troca, grosso e varejo que se formou antes mesmo da emancipação da cidade, servindo de ponte para a construção da Rainha da Borborema.

Historicamente falando, a necessidade de existir um local provedor de reuniões e encontros, tornou a feira um lugar de interações não somente de feirantes e clientes, mas também, da arte, da música, da declamação de cordéis e da peleja de viola e emboladas de coco. Levando o ambiente a ser referência para aqueles poetas que a frequentavam em busca de vender seus folhetos e que, entre vendas e declamações, acabava nascendo a inspiração para a construção de rimas sobre o lugar, sobre os personagens, seus diálogos, interações e formas de vender.

A passagem dos poetas na feira e a escrita de seus cordéis sobre o espaço acabou se tornando uma fonte de comunicação e de informação que foi compartilhada entre outros artistas, os atraindo a visitar o local e conhecer o ambiente, além, é claro, de torná-lo ponto de encontro para cordelistas, emboladores e cantadores em épocas antigas, por volta da década de 1930.

Porém, esse hábito foi sumindo com o passar dos anos e a diminuição da frequência com que as pessoas vinham à feira trazer objetos para a venda e fazer suas compras como de costume. As artes foram se perdendo com a passagem do tempo, mas o resgate da Feira como Patrimônio Cultural trouxe o ar que faltava para se resgatar as memórias da embolada, da cultura, da arte e do cordel, de volta ao mercado central, a partir de projetos e movimentos que acontecem periodicamente no local.

Mas, mesmo havendo esse resgate, identificamos que ainda há uma mudança no que consiste à preservação de costumes, visto que, a ocupação do

espaço da Feira Central e participação do público, ativamente ou passivamente (plateia), ainda se revela escasso. Apenas pessoas interessadas no âmbito cultural é que se fazem presentes, vão, assistem e/ou participam das atividades. Grupos escolares, por vezes, se fazem presentes no espaço como forma de incentivo ao ensino da arte, história e costumes para a classe mais jovem que virá, em um futuro breve, a despertar para a importância cultural das diversas linguagens, do ponto de partida deste estudo, da Feira Central e do Cordel.

Encontramos apenas um ponto fixo para a venda de cordel dentro da feira e entendemos o quão baixa é a procura desse tipo de literatura no ambiente, atualmente. Hoje, prevalece a embolada de coco passeando por algumas ruas, principalmente, aos sábados, um dos dias tidos como de maior fluxo de feirantes e clientes.

Concluimos então, que além do compromisso em atingir os objetivos deste trabalho e alcançar os resultados do mesmo, o levantamento aqui realizado também demonstrou a riqueza de assuntos que podem compor ainda novos folhetos a partir da, atenção, da paixão e do olhar dos poetas.

Por fim, deixamos em destaque a importância da assiduidade de movimentos que elevem e tragam maior visibilidade ao espaço da feira central de Campina Grande. Também se faz necessário reforçar que uma restauração do lugar com cuidado em manter a essência contida há anos no espaço, seria essencial para atrair mais públicos ao longo do ano, além da temporada junina que atrai mais visitantes não somente à cidade, como também, à feira justamente em busca da tradição e da cultura do local.

Um olhar mais cuidadoso partindo dos setores públicos estadual e municipal, promovendo eventos, injetando recursos e possibilitando campanhas de informação sobre o espaço, traria saltos positivos em relação à volta das pessoas a frequentarem a feira. Incentivos à prática do comércio no local também seriam fatores positivos, quando comparado ao início de tudo, à formação da então feira central. Apesar desta ser, por exemplo, polo de cultura, educação e arte, ainda não há um serviço efetivo que possibilite comportar alto número de participantes, menos ainda, campanhas que atraiam o público de volta ao local.

## REFERÊNCIAS

AMPHILO, M. I. **Folkcomunicação: por uma teoria da comunicação cultural**. Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional. Ano 15 n.15, p. 193-212 jan/dez. 2011.

ARAÚJO, A. SOUSA, E. **RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BlogRHCG/posts/3446306038742760/>> Acesso em: 12 out. 2023.

ARAÚJO, A. SOUSA, E. **RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE**. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com/2019/04/a-rua-maciel-pinheiro-por-thomas-bruno.html>> Acesso em: 12 out. 2023.

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca. **Coisas de mei de feira**. Campina Grande: Maxgraf, 2020. *E-book*.

AVELINO, Y. D. (2020). **A cultura de cordel nas ruas, nas feiras e na academia**. Cadernos CERU, 30(2), 77-84. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2595-2536.v30i2p77-84>>. Acesso em: 13 mai. 2023

BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular - CNFCP. **Dossiê de Registro**. Brasília: Iphan, 2018. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie\\_Descritivo\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossie_Descritivo(1).pdf)>. Acesso em: 19 jun. 2023.

CATUNDA, D. **Blog Cordel de Saia. 'O cordel em cordel' de Medeiros Braga**. 2014. Disponível em: <<http://cordeldesaiablog.blogspot.com/2014/02/o-cordel-em-cordel-de-medeiros-braga.html>> Acesso em: 26 out. 2023.

CIPRIANO, M. S. **Tipografia de cordel na Paraíba: entre o comércio e a poesia**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 17., Natal. Anais... Natal: [s.n.], 2013.

CURRAN, M. J. **História do Brasil em cordel**. 2ª. ed. 2 reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo - Edusp, 2009.

GADELHA, T. R. T. . **Uma Análise Etnolinguística da Música 'Feira de Mangaio' de Sivuca e Glorinha Gadelha**. Revista Interfaces , v. 11, p. 211-218, 2020. apud GASPAR, L. **Silvino Pirauá de Lima**. Fundação Joaquim Nabuco. 2009 .Disponível em: <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=400:silvino-piraua-de-lima](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=400:silvino-piraua-de-lima)>. Acesso em 09 ago. 2023.

GASPAR, L. **Silvino Pirauá de Lima**. Fundação Joaquim Nabuco. 2009 .Disponível em: \_\_\_\_\_ <[http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com\\_content&id=400:silvino-piraua-de-lima](http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=400:silvino-piraua-de-lima)>. Acesso em 19 ago. 2023.

GOBBI, M. C.; FERNANDES, G. M. **José Marques de Melo e os estudos científicos da Folkcomunicação**. Revista Internacional de Folkcomunicação, 2013. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/folkcom/article/view/18872>>. Acesso em: 5 dez. 2023.

GUERREIRO, M. V. **Literatura popular: em torno de um conceito**. Revista de literatura oral e tradição popular. Paris, Nov. 1986. Disponível em: <<http://alfarrabio.di.uminho.pt/cancioneiro/etnografia/manuelViegasGuerreiro-literaturapop.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2023.

HAURÉLIO, M. **Breve história da Literatura de Cordel / Marco Haurélio**. - 2 ed. - São Paulo - Claridade, 2010.

HATA L. (1999). **O cordel das feiras as galerias**. Campinas, SP : [s.n.], 1999. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/185983>>. Acesso em: 13 mai 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Feira de Campina Grande PB e novo Patrimônio Cultural do Brasil**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4367/feira-de-campina-grande-pb-e-novo-patrimonio-cultural-do-brasil>>. Acesso em: 22 out. 2023.

JÚNIOR, F. P. S. **Feira de Campina Grande Um Museu Vivo da Cultura Popular**. /João Pessoa: Editora a União, 2023.

LITERATURA DE CORDEL-MAPP. **Louvação a Toinho da Mulatinha**. Gráfica Universitária - UEPB. Campina Grande - Abril de 2016.

LUYTEN, J. M. **O que é literatura popular**. 2. ed São Paulo: Brasiliense, 1983. MEMÓRIAS DA POESIA POPULAR. **Poeta Silvino Pirauá de Lima – Síntese biográfica**. 2014. Disponível em: <<https://memoriasdapoesiapopular.com.br/2014/12/03/poeta-silvino-piraua-de-lima-sintese-biografica/>> Acesso em: 06 out. 2023.

NAVARRO, F. **Dicionário do Nordeste**. Recife: Cepe, 2013. Disponível em: <<https://doceru.com/doc/5vv8>>. Acesso em: 08 set. 2023.

OLIVEIRA, M.M de. **Como fazer pesquisa qualitativa** / Maria Marly de Oliveira. – Petrópolis, RJ ; Vozes, 2007.

PIZZIGNACCO, Milla Maues Pelucio. **Emboladas Tipográficas em Campina Grande (PB): permanências e rupturas na edição dos folhetos do poeta Toinho da Mulatinha (1925-2016)**. 2020. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em:

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/31/31131/tde-07052021-184709/>>.

Acesso em: 21 out. 2023.

**Projeto “Bom é na Feira” inicia segundo ciclo de atividades visando a valorização da Feira Central de Campina Grande.** 2022. Disponível em: <<https://www.pagina1pb.com.br/projeto-bom-e-na-feira-inicia-segundo-ciclo-de-atividades-visando-a-valorizacao-da-feira-central-de-campina-grande/>>. Acesso em: 28 out. 2023.

SILVA, V. P. **Artes de fazer a feira: práticas e representações de negociação na feira central de Campina Grande (PB).** 2005. 142f. (Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-graduação em Sociologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2016. Disponível em: <<http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1842>> . Acesso em: 29 set. 2023.

SOUSA, J. R. de, & SANTOS , S. C. M. dos. (2020). **Análise de conteúdo em pesquisa qualitativa: modo de pensar e de fazer.** Pesquisa E Debate Em Educação, 10(2), 1396–1416. Disponível em: <<https://doi.org/10.34019/2237-9444.2020.v10.31559>>. Acesso em: 02 nov. 2023.

VASQUES, L. V. ; PEREIRA, C. M. **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA POPULAR.** 2015. MEMENTO - Revista do Mestrado em Letras - Linguagem, Cultura e Discurso V. 06, N. 1. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/230544184.pdf>> Acesso em: 13 mai.2023.

ZANINI, D. **O que é pesquisa etnográfica? Conheça a metodologia.** 2015. Disponível em <<https://ibpad.com.br/comunicacao/o-que-e-pesquisa-etnografica/>>. Acesso em: 21 out. 2023.

## REFERÊNCIAS DOS CORDÉIS

MULATINHA, Toinho da. [Antônio Patrício de Souza] **Campina Grande, a Viola e as Belezas do Nordeste**, 1976;

MULATINHA, Toinho da. [Antônio Patrício de Souza]. **Toinho da Mulatinha Cantando Coco nas Feiras**, 1955;

KAROLYNNE, Anne. **Na feira com a família**, 2019;

Alunos da 1ª Série/ Manhã do CERC - **A feira como ela é!**, 2005;

MONTEIRO, Manoel. **Campina dos meus amores – Ode a Rainha da Borborema**, 2011;

MONTEIRO, Manoel. **Grande Marco de Campina Grande**, 2009;

MONTEIRO, Manoel. **A Feira Central de Campina Grande em versos**, 2022;

MONTEIRO, Manoel. **Campina dos meus amores (fragmentos); A estória do ET: um homem do outro mundo**, 2022;

MONTEIRO, Manoel. **Peleja de Manoel Camilo com Manoel Monteiro**, 2011;

LITERATURA DE CORDEL. MAPP - UEPB. **Louvação a Toinho da Mulatinha**, 2016;

JUNIOR, Moysés M. O. Mota. **A descrição da cidade de Campina Grande estado da Parahyba**, 1936;

MELCHIADES, João. **Descrição do Estado da Parahyba do Norte**, 1910;

BATISTA, Ivaldo. **Genival Lacerda O rei da Munganga**, 2023;

ORÓS, Josafá de. **Feira de Campina Grande em Cordel**, 2015;

FILHO, Lima. **Comprar Na feira é melhor**, 2019;

DUARTE, Tiago. **O trabalhador da Feira Central da nossa cidade**, 2020;

MELO, Rafael. **Ó Campina, sesquicentenária! A história em versos, dos 150 anos da Rainha da Borborema**, 2014;

DUARTE, Tiago. **Campina Grande**, 2020;

BATISTA, Ivaldo. **100 anos Jackson – Voz e vida do Pandeiro**, 2019;

GRENGUENA, Zé e MATRACA, Zé. **Cordel em homenagem a Campina Grande 150 anos**, 2014;

RIBEIRO, Roberto. **Fragmentos Da História De Campina Grande - PB**, 2003.